

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ensino de história local e memórias silenciadas: o bairro África em Novo Hamburgo (RS)

Otávio Augusto Klein Travi

Porto Alegre
2018

Otávio Augusto Klein Travi

Ensino de história local e memórias silenciadas: o bairro África em Novo Hamburgo (RS)

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção de título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mara Cristina de Matos Rodrigues
Co-orientadores: M^a Meri Emeli Alves Machado e Me. Said Lucas de Oliveira Salomón

Porto Alegre
2018

Otávio Augusto Klein Travi

Ensino de história local e memórias silenciadas: o bairro África em Novo Hamburgo (RS)

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção de título de Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mara Cristina de Matos Rodrigues
Co-orientadores: M^a Meri Emeli Alves Machado e Me. Said Lucas de Oliveira Salomón

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Mara Cristina de Matos Rodrigues (orientadora) - UFRGS

M^a Meri Emeli Alves Machado (co-orientadora) - E.M.E.F. Machado de Assis (NH)

Me. Said Lucas de Oliveira Salomón (co-orientador) - E.E.E.M. Osvaldo Aranha (NH)

Prof. Dr. José Rivair Macedo - UFRGS

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Freitas Rosa - UFRGS

Porto Alegre
2018

*Dedico este trabalho a Therezinha Asta Graff,
conhecida por quase todos como “Codi”.
Foi por causa das nossas conversas que decidi
fazer esta pesquisa.*

Obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e ao subprojeto História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Programa foi uma das etapas mais estimulantes da minha formação para ser professor, e dos quatro anos em que participei como bolsista levo muitas experiências e aprendizados. Por isso agradeço muito a todos(as) meus colegas bolsistas durante esse período, em especial: Marcos Silva, Marcelo Bahlis, Cassiano Fraga, Lourenço Teixeira, Francielle Andrade, Fernanda Sperotto, Arthur Maia, Pedro Gediel e João Paulo Buchholz, e aos professores coordenadores que estimularam nossas práticas, especialmente Caroline Pacievitch, Igor Salomão e Fernando Seffner. Muito obrigado também ao pessoal da escola Irmão Pedro, que proporciona um espaço ótimo para se começar na docência. Obrigado às professoras supervisoras Franciele Luvison e Raquel Grandene, que abriram suas salas e dividiram suas turmas com a gente.

Tenho muito a agradecer ao Laboratório de Arqueologia e Etnologia (LAE/UFRGS), coordenado pelo professor José Otávio Catafesto de Souza. Neste espaço pude conhecer pessoas maravilhosas e projetos que não vi parecidos por onde circulei na Universidade. Agradeço muito à equipe que produziu laudos para diferentes comunidades quilombolas do Estado, em especial às professoras Ieda Ramos, Luciana Conceição, Jane Mattos e ao Sérgio dos Reis - obrigado pelo carinho e por terem me recebido. No LAE conheci também a turma dos abnegados estudantes que lutam pela causa indígena, e com quem dividi projetos, expedições, caminhadas e conversas de bar. Por isso, muito obrigado à Catherine Carvalho, à Amanda Rocha, ao Paulo Pflug, à Sibelle da Silva e a todos(as) que participaram das saídas a campo, dos levantamentos etnográficos e da *jeguata* por muitas aldeias do Estado, valeu pela parceria!

Quero agradecer a todas as funcionárias, funcionários, professores e professoras da escola Saint-Hilaire, onde trabalhei como estagiário por dois anos e meio. Obrigado professor José Carlos Accurso por ter me acolhido e me ensinado muito sobre Educação Especial, sobre música e muitas outras coisas. Sinto falta do mate de todas as manhãs que dividíamos ao chegar na escola. Obrigado à professora Denise Donini pela parceria e amizade que construímos no último

ano. E muito obrigado aos professores Diórgenes de Lima, Cristiano Varisco e Naida Santos, que viram em mim mais do que só um estagiário, e conversaram comigo, me deixaram participar de suas aulas e me ajudaram a entender melhor o que é a escola brasileira.

Meu muito obrigado a dois amigos e professores que ajudaram a pôr em prática o que parecia apenas um delírio: o canal Território Escolar. Fernando Seffner e João Paulo Buchholz, sou muito grato pelas conversas que tive com vocês, pelas nossas expedições, e enfim pela relação agora “territorial” que mantemos.

Algumas pessoas foram muito importantes para tornar este trabalho de conclusão possível. Agradeço aos meu co-orientadores, professor Said Salomón e professora Meri Machado, por terem me recebido em suas escolas, permitido que eu realizasse as observações e a intervenção pedagógica em suas turmas, e por terem discutido comigo os resultados e as possibilidades da atividade. Muito obrigado às turmas que me acolheram e se dispuseram a participar do que eu propus. Sou muito grato à minha orientadora, professora Mara Cristina de Matos Rodrigues, por ter se interessado pelo meu trabalho e por ter sido sempre solícita e aberta para me ajudar.

Preciso agradecer ao pessoal que dividiu comigo o “apê da Goethe”, por mais de dois anos. Bruno Schaefer (Brunowski), Lucas Zirbes (Zirbão) e Luiz Otávio Carneiro Fleck (Lizoto), muito obrigado por dividirem comigo tantos momentos de alegria, algumas lágrimas, tantas conversas boas, algumas partidas de futebol, acampamentos, muitas cervejas geladas. Com certeza levarei os anos que vivemos juntos para sempre na memória! Muito obrigado também aos meus grandes amigos que conheci ao entrar no curso de História (em 2012...) e com quem convivo até hoje, Bernardo Gomes (Beni) e Thiago Gabbi (Gabão), agradeço muito pela amizade que tenho com vocês, pelo apoio que ainda me dão.

Gostaria de agradecer ao meu amigo Laercio *Karai* Gomes pela amizade que construímos, por ter sempre (junto com sua família e todo o pessoal da Aldeia Estiva) me recebido tão bem. É uma honra para mim sermos compadres.

Muito obrigado à Clara Martinez Falcão Pereira, pelo carinho que tem comigo, pela paciência, pela atenciosa revisão deste trabalho. Enfim, por me ensinar inúmeras coisas e por ter me ajudado muito nessa etapa da vida. Obrigado por ser uma companheira tão querida.

Quero agradecer ao meu irmão Cassiano Klein Travi, e a toda a minha família: tios, tias, avós, primos e primas, pelo carinhoso apoio durante todos esses anos, pelas risadas e pela descontração nas nossas reuniões. Em especial agradeço ao meu tio (e segundo pai) Paulo Afonso Klein, que presenciou o início e o fim: estava comigo quando recebi a notícia de que tinha passado no vestibular e assistiu à defesa deste trabalho lá no Campus do Vale; e ao meu primo João Vitor Mesquita, por ter aguentado dividir um apartamento comigo nesses últimos tempos, e por ter tornado esse momento menos angustiante.

Por fim e mais importante, agradeço aos meus pais, Sergio Augusto Travi e Maria Madalena Klein. Muito obrigado pela paciência que tiveram comigo, por aguentarem meu pedantismo do início da graduação, e mesmo assim sempre estarem ao meu lado, abertos a me receber e dispostos a me abraçar. Fico muito feliz de poder dividir esse momento com vocês, porque tenho orgulho e privilégio de ter tido vocês como progenitores, pela educação, pelas oportunidades que me proporcionaram - pela maneira como primeiro me apresentaram o mundo.

RESUMO

Este trabalho gira em torno de uma intervenção pedagógica produzida para articular ensino de história local, memória e relações étnico-raciais de uma parte da região do Vale do Rio dos Sinos. As cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo tiveram suas histórias oficiais e memórias hegemônicas construídas majoritariamente em cima da figura do imigrante branco-alemão. No entanto, tem crescido nas últimas décadas pesquisas e trabalhos acadêmicos que problematizam essa perspectiva e essa narrativa, e que permitem a emergência de outros personagens, outros agentes históricos tão importantes quanto os vindos da Europa. Este trabalho vai tratar especificamente da presença africana e negra nessa região, utilizando como base a bibliografia mencionada, além de memórias silenciadas e de narrativas de velhos e velhas. O objetivo foi levar essa discussão e essas memórias para dentro da sala de aula da Educação Básica de Novo Hamburgo, para tentar perceber e analisar os tipos de manifestações das turmas em relação a essa outra abordagem sobre a história local.

Palavras-chave: Ensino de História; História Local; Relações Étnico-Raciais; Novo Hamburgo; Memória; Educação Antirracista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - PRESENÇA AFRICANA E NEGRA NO VALE DO RIO DOS SINOS: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ASPECTOS TEÓRICOS.	14
CAPÍTULO 2 - AS ESCOLAS, AS TURMAS E A OFICINA. ENCONTRANDO O RITMO.	21
2.1 A <i>muvuca</i> e o agito de um sétimo ano e a calma de um primeiro ano...A observação, a convivência com as turmas.	22
2.2 A construção da oficina e os objetivos dela. O método pedagógico.	24
As fontes históricas utilizadas na oficina	26
CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: OS TIPOS DE MANIFESTAÇÃO PERCEBIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA OFICINA.	33
<i>Só vamos falar de racismo?</i>	34
<i>Conheci um pouco da minha cidade</i>	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
BIBLIOGRAFIA:	49
ANEXO	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso articula discussões sobre memória, relações étnico-raciais e ensino a partir da história local de uma parte da região do Vale do Rio dos Sinos¹ - especificamente, uma localidade conhecida majoritariamente pela imigração e ocupação branca-alemã. A pesquisa consistiu na construção de uma intervenção pedagógica voltada para a Educação Básica e na posterior análise de seus resultados.

É de conhecimento geral a histórica ocupação da cidade de Novo Hamburgo por alemães e seus descendentes. No entanto, nas últimas décadas tem-se produzido vasta bibliografia acadêmica em torno de outros personagens desta história. Tratarei aqui especificamente da presença e do protagonismo de grupos de africanos, afro-brasileiros e seus descendentes em uma região cuja história local majoritária insistiu em silenciar. O objetivo foi estimular um debate com estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que explicitasse a complexidade dos grupos e das relações sociais que construíram as histórias do Vale do Rio dos Sinos, dando ênfase às ações e à presença negras na região.

Novo Hamburgo pode ser vista como uma região profícua para se perceber e evidenciar a diversidade e a complexidade das relações étnico-raciais no Brasil em geral e na região Sul em particular.² Entretanto, como veremos, o silenciamento e o esquecimento de determinadas memórias ou passados é evidente, apesar dos diversos estudos publicados e de professores e professoras das redes pública e privada sensíveis ao tema, o que pode nos remeter a diversas questões, entre elas sobre a cultura escolar e sobre as relações estabelecidas com o passado local.

¹ O Vale do Rio dos Sinos abrange 14 municípios. Este trabalho se debruça principalmente sobre dois dos deles, que são São Leopoldo e Novo Hamburgo. Os outros 12 que compõem o Vale são: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Portão, Sapiranga e Sapucaia do Sul.

² Além da ocupação e presença europeia e africana na região, que discutiremos mais neste trabalho, destaco um dos relatos sobre o assentamento de longa data de grupos indígenas para ilustrar essa diversidade: “Os primeiros moradores do Novo Hamburgo foram, naturalmente, os bugres, pertencentes às tribos do Charruas e Minuanos. Dos diversos vestígios, que assinalam sua estadia nestas plagas, se destacam os restos encontrados no morro fronteiro ao edifício da extinta Escola Normal, hoje EVAI [Escola Vocacional Agro Industrial]. Ali, ao mandar proceder às escavações necessárias para o nivelamento da rua, o autor destas linhas, descobriu grande número de cacos de louças de barro, como a que usavam os selvícolas, um depósito de cinzas e carvão, que, pela espessura da camada ainda existente, demonstra **um fogo mantido durante muito tempo.**” (PETRY, 1963, p. 26. Grifo meu.)

Por que esta temática e este local chamaram a atenção de um professor-pesquisador branco em formação? Essas histórias não hegemônicas podem ser encontradas e descobertas, pelas ruas da cidade, se nossos ouvidos estiverem atentos e dispostos. O interesse pelo tema surgiu inicialmente não de busca acadêmica, mas de conversas com parentes e pessoas mais velhas moradoras da cidade. Um dos espaços privilegiados para este tipo de conversa foram os botecos, espaços onde confluem e aparecem diversas narrativas, memórias individuais e coletivas, fragmentos de história, tudo em meio à rotina e aos imponderáveis da vida cotidiana das pessoas. Conversas com parentes mais velhos também foram de suma importância para fortalecer o interesse pela pesquisa. Fazendo um esboço da árvore genealógica de uma tia-avó num dia qualquer de férias, descobri em minha família a lembrança de uma mulher “preta”, cuja existência deveria, por orientações de seus descendentes, ser omitida³. Este foi o caso que provocou perguntas sobre quem teria sido essa mulher e sobre o porquê de se tentar forçar o esquecimento dela, o que serviu de estímulo para a inquietude e para o estudo sobre o assunto.

Para este trabalho estou entendendo a construção da memória coletiva a partir principalmente das discussões de Michael Pollak (1989; 1992). Para este autor, a memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento, de manter uma coesão grupal e de defender fronteiras sociais e identitárias. Para isso, é necessário um quadro de referências comuns, o que demanda um trabalho de enquadramento da memória, o qual se alimenta, entre outras coisas, do material fornecido pela História (POLLAK, 1989, p. 9). Roswithia Weber e Marinês Andrea Kunz (2013), por exemplo, analisam esse trabalho de enquadramento e seus agentes, no estudo das disputas institucionais e públicas envolvendo a São Leopoldo Fest, festividade vinculada à imigração branca-europeia. Tal perspectiva pode evidenciar o que Pollak chama de chave de entendimento de cima para baixo, a disputa pelo enquadramento da memória coletiva por agentes especializados, oficiais e políticos profissionais. No entanto, existe o procedimento inverso, possível principalmente a partir da História Oral e das memórias individuais, que permitem perceber os limites desse trabalho de enquadramento e da seletividade dessa construção (POLLAK, 1989, pp. 9-12). Os

³ Depoimento de Therezinha Asta Graff. Novembro de 2015.

velhos e velhas contribuem nesse sentido, evidenciando sua função social não apenas como “guardiões das tradições” oficiais, mas ajudando na sua problematização e desconstrução:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. (BOSI, 1979, p.41)

Paralelamente a essa escuta, encontrei significativa bibliografia relacionada ao tema da presença negra em colônias alemãs e das relações entre imigração e escravidão (MAGALHÃES, 2010; MOREIRA & MUGGE, 2013; MENZ, 2005; MORAES, 1994). Ao longo do estudo percebi também que as disputas pela ampliação desse quadro de referências para a memória oficial vem, há alguns anos, tomando progressivamente o espaço e os debates públicos. O mencionado trabalho de Weber e Kunz se debruça justamente sobre a tentativa de, por parte de atores institucionais, tornar uma festividade tipicamente relacionada à etnia alemã (São Leopoldo Fest) mais aberta e vinculá-la também a outras etnias e povos, o que causou desconforto e inclusive manifestações de cunho racista sobre estarem, com essa abertura, “estragando a cidade” (WEBER & KUNZ, 2013, p.). É importante destacar também que essa disputa pela memória e pelo resgate de outras histórias, vem tomando parte nas discussões de movimentos e coletivos organizados. Cito como exemplo o Coletivo Afro Juventude Hamburguense, formado por comunicadores que, em seus espaços de difusão de informação onde atuam, entre eles o Jornal NH, promovem a divulgação de histórias e memórias da população negra de Novo Hamburgo e da região.⁴

Como desembocadouro de todas essas provocações, histórias ouvidas e lidas, surgiu a vontade de levá-las a salas de aula de escolas públicas da cidade, com o objetivo de, não explicar, mas tentar ouvir se e como a presença e o protagonismo de indivíduos e coletivos negros nessa região aparecem nas manifestações de estudantes de Ensino Fundamental e Médio.

⁴ Conjunto de matérias veiculadas no Jornal NH em 2017 sobre presença e memórias negras no Vale do Sinos. Reportagem de Lucilene Athaide e Susi Mello. Link: https://jornalnh.com.br/_conteudo/2017/11/noticias/regiao/2201502-negros-e-pardos-fazem-parte-da-historia-da-regiao.html. Acesso em novembro de 2018. Página no Facebook do Coletivo: <https://www.facebook.com/afrojuventude/>

Assim, este estudo pode contribuir para que professores e professoras reflitam sobre a importância de tratar de temas envolvendo diversidade étnico-racial, discriminação e resistência na salas de aula. Isso se faz ainda mais necessário em locais e regiões cuja história local preponderante insiste em tratar como homogêneos a ocupação e o protagonismo de um único grupo ou etnia. Mesmo que a maioria dos habitantes dessas regiões se auto-declarem como pertencendo à raça/cor branca, os temas da diversidade, dos conflitos, da violência e das resistências envolvendo a cor da pele, raça e etnia, são importantes no sentido de estimular práticas democráticas no ambiente escolar. Além disso, este trabalho parte da perspectiva de que não há como compreender a história do que chamamos Brasil (e de qualquer região deste país) sem que se considerem as relações entre diferentes culturas, povos, matrizes civilizatórias e línguas que aqui convivem. As transcrições de algumas manifestações dos alunos e alunas nos ajudam a pensar no que jovens com idade escolar já trazem consigo de conhecimentos e memórias sobre esses temas, nos permitindo também trabalhar no que julgamos lacunas, outras perspectivas e outros questionamentos possíveis sobre a realidade. O material produzido para a realização da oficina, e as reflexões que trago sobre ele, ficam como sugestão de uma abordagem possível.

Dessa forma, os objetivos nos quais está baseada esta pesquisa são:

- 1) Construir uma oficina, uma intervenção pedagógica, que possibilite levar a salas de aula da Educação Básica a temática da diversidade e complexidade das relações étnico-raciais de uma chamada “colônia alemã”;
- 2) Compreender como o passado vinculado à comunidade negra de Novo Hamburgo aparece nas manifestações e memórias de alunos e alunas da Educação Básica. Para essas pessoas, esse passado existe? Ele é esquecido? Por que?

Estou entendendo por oficina/intervenção pedagógica um momento de ensino-aprendizagem que rompe minimamente com a rotina de uma turma - um momento não vinculado a processos automatizados (CANDAUI, 2013, p. 162), e geralmente ligado a práticas pedagógicas não tão usuais, como por exemplo a dimensão mais prática, manufatura, de pegar, manusear algum tipo de material (no caso, fontes históricas de diferentes tipos), pensar sobre

esses materiais e traduzi-los aos demais colegas. Estimulando, assim, uma análise coletiva da realidade (Idem, 1999, p. 11).

Boa parte dos materiais trabalhados em sala de aula, as fontes primárias que as turmas manusearam, foram encontrados no Arquivo Municipal de Novo Hamburgo e na Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis (NH). Como algumas fontes já haviam sido procuradas por outros pesquisadores(as), no Arquivo Municipal alguns itens já estavam digitalizados em um acervo virtual que o atual coordenador, Paulo Daniel Spolier, gentilmente me apresentou. O Arquivo de Novo Hamburgo é um espaço rico em acervo, e a grande quantidade de edições de jornais (desde o início do século XX) e de registros fotográficos ainda tem muito a nos revelar.

O primeiro capítulo deste trabalho vai apresentar os principais referenciais utilizados no que diz respeito à bibliografia sobre escravidão em colônias alemãs e presença africana e negra no Vale do Rio dos Sinos, com foco sobre a região de Novo Hamburgo. Também apresento alguns aspectos teóricos envolvendo memória, história e ensino para as relações étnico raciais. É a partir dessa base bibliográfica, além de relatos verbais colhidos ao longo do estudo, que será produzida a intervenção pedagógica pensada para a Educação Básica.

O segundo capítulo apresenta as escolas e as turmas onde a oficina se concretizou. A convivência prévia com a realidade de cada escola e dos alunos e alunas foi importante para a elaboração da proposta e dos materiais da oficina, faz parte da “bagagem” que trago dos tempos de bolsista do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PBID História - UFRGS). Apresento também nessa seção aspectos sobre o método pedagógico e sobre a forma como foram organizadas as fontes primárias e a divisão por temas e grupos.

O terceiro capítulo analisa os principais materiais produzidos durante a prática da intervenção, ou seja, as manifestações dos e das estudantes. Tentei nessa parte organizar alguns tipos de manifestação e desenvolver algumas reflexões sobre as perguntas e objetivos deste trabalho, a partir das respostas e comentários feitos e registrados em aula.

Nas conclusões, tento enfim responder às perguntas colocadas previamente na pesquisa e citadas acima, além de fazer um balanço sobre as potencialidades do material produzido e das abordagens possíveis.

CAPÍTULO 1 - PRESENÇA AFRICANA E NEGRA NO VALE DO RIO DOS SINOS: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ASPECTOS TEÓRICOS.

A cidade de Novo Hamburgo é até hoje majoritariamente referida e lembrada como tendo sido construída a partir dos braços de “poucos imigrantes vindos lá do fim do mar”⁵, da força de trabalho desses indivíduos de origem europeia apenas, em detrimento da consideração sobre as relações estabelecidas na região entre populações ameríndias, africanos e africanas escravizadas e seus descendentes, e destes dois grupos com indivíduos vindos da Europa no século XIX. Parto do princípio de que não há como se entender o que seja a história do que hoje chamamos Brasil sem considerarmos as relações interétnicas que aqui se estabeleceram e que ainda hoje produzem consequências políticas, econômicas, e educacionais (ARAÚJO; ARAÚJO, 2003). Assim, esta pesquisa é mais um trabalho que problematiza a escrita de uma história “excessivamente branca”⁶ baseada no protagonismo do europeu, e tenta entender as interações entre diferentes grupos que dividiam (não igualmente) o mesmo espaço.

Este trabalho partiu de perguntas suscitadas a partir de pesquisas e conversas sobre um bairro, uma região do atual município de Novo Hamburgo, que por muito tempo era conhecida como “África”, região com histórica ocupação de famílias negras. A designação “África” remonta pelo menos à primeira metade do século XX, e progressivamente desaparece de boa parte dos registros escritos a que este e outros trabalhos sobre o tema já tiveram acesso e, assim, um dos objetivos desta pesquisa era tentar entender mais sobre mecanismos sociais de esquecimento dessa presença negra em um “mundo alemão”. “*Eu sou do tempo que o África era cercado*”, me disse em uma tarde um senhor branco, caminhoneiro, morador de Novo Hamburgo, enquanto bebericava sua cerveja na calçada de um bar. Não encontrei registros escritos ou outros relatos sobre o bairro África ter sido efetivamente cercado, mas a frase é rica no sentido de insinuar uma prática que, como veremos, é factual: a segregação e a discriminação que envolviam as relações entre brancos e negros na colônia alemã. A frase do velho, mesmo se

⁵ Referência às famílias de imigrantes alemães cuja primeira leva desembarca na antiga Feitoria do Linho Cânhamo em 25 de julho de 1824. TAVARES, Délcio. Novo Hamburgo, Meu Lugar. Hino do município de Novo Hamburgo.

⁶ CARDOSO, Lourenço. “O branco ante a rebeldia do objeto”. Conferência proferida em 29/10/18 nas dependências do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

não for “verdadeira”, aponta para essa situação. A partir disso, podemos atentar para a interação entre os conceitos de história e memória. Rodrigo Wiemer, autor de *Felisberta e sua gente* (2015), nos lembra que é difícil considerarmos história e memória como entidades separadas ou distantes, mas que atuam conjuntamente e assim devem ser entendidas. Há, portanto, interação entre os fatos e as representações destes, sendo a história oral uma das ferramentas para se perceber e compreender melhor essas relações. Não se trata de hierarquizar este ou aquele depoimento ou fonte, mas fazê-los interagir, buscar entender como foi possível a sua produção/enunciação (WEIMER, 2015, pp. 55-59). Portanto, estarei entendendo aqui que se uma pessoa, um aluno ou aluna, nunca ouviu falar sobre a presença negra em colônias alemãs ou sobre a designação África para uma região de Novo Hamburgo, não é possível considerar a não existência dessa realidade - trata-se, ao meu ver, de silenciamentos ou esquecimentos construídos socialmente e alimentados com o passar do tempo, pela história majoritária e branqueada. Nesse sentido, é importante lembrar que, para Pollak (1989, p. 13) “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação”. Assim, o silenciamento de uma geração, alimentado por essas (im)possibilidades, pode levar ao esquecimento das gerações vindouras, o que poderemos perceber na leitura das manifestações dos e das estudantes.

Um aspecto que alimenta a produção desse esquecimento é o próprio caráter seletivo, e consequentemente excludente, da construção de uma ideia mais ampla sobre o estado do Rio Grande do Sul e sobre uma “identidade gaúcha” ligadas exclusivamente a presença europeia. Como nos diz Marcus Vinicius de Freitas Rosa, “a construção do Rio Grande do Sul como lugar de imigrantes é simultaneamente a construção da invisibilidade da escravidão e, por consequência, da população negra na província” (2014, p. 61). Rosa nos aponta em sua tese para as funções políticas e simbólicas da imagem do RS como lugar de europeus, livre de “desordens” e “caos”, alimentada pela ideia da existência de uma escravidão de baixa escala, cordial, amigável, branda, menos agressiva (Ibidem). Ao comentar um Censo de 1814 em que a população branca aparece como minoria no Estado, fica evidente que “a condição racialmente heterogênea da população gaúcha era inegável. Negros e indígenas jamais foram insignificantes

como tentaram fazer crer os jovens republicanos na década de 1880 e muitos outros antes deles” (Idem, p. 58).

A bibliografia buscada para a elaboração desta pesquisa e da intervenção pedagógica encaminhou-me para trabalhos e pesquisas acadêmicas já produzidas ou ainda em andamento envolvendo populações negras em colônias alemãs. Cito como exemplo o Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas (NIGERIA), criado em 2002 na Faculdade do Vale do Sinos (FEEVALE), com o objetivo de “visibilizar o negro como agente social e histórico” (MAGALHÃES, 2010, p. 14), partindo da cidade de Novo Hamburgo. A partir deste grupo de pesquisa produziram-se trabalhos como a tese *Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS)*, da historiadora Magna Lima Magalhães. O trabalho é importante porque se debruça sobre a primeira associação negra do Vale do Rio dos Sinos, o Sport Club Cruzeiro do Sul, criado em 1922, futura Sociedade Cruzeiro do Sul, hoje uma das cinco escolas de samba de Novo Hamburgo, além de associação dedicada a diversos fins relacionados a manifestações culturais afro-brasileiras. A tese busca entender melhor as formas de “solidariedade, sociabilidade e união entre os negros de Novo Hamburgo” (MAGALHÃES, 2010, p. 7), e proporciona uma reflexão a respeito das histórias e mudanças envolvendo bairros da cidade de Novo Hamburgo.

A autora dedica uma seção específica da tese ao bairro África (MAGALHÃES, 2010, pp. 90-102). Em 12 páginas a autora detecta um silêncio das fontes em relação à mudança de nomenclatura do bairro (de África para Guarani), a partir dos anos 1940. O material analisado, no entanto, evidencia a associação do bairro e seus moradores com desordens e transgressões. A hipótese levantada para a mudança em relação ao nome envolve, de maneira geral, um “constrangimento” de se ter “uma África em um pedaço da Alemanha”, constituindo esta a “face negra da cidade”. A “africanização” da sociedade é combatida. O espaço passa gradativamente a ser associado a trabalhadores e trabalhadoras, mesmo que seja ainda o “nicho” de perturbadores da ordem. Magalhães exemplifica com diversos registros em que esses perturbadores aparecem em processos-crime e em notas na imprensa, e alguns foram utilizados como material didático da oficina produzida para este trabalho. O texto da autora, no entanto, deixa lacunas sobre as

transformações na nomenclatura do África, o que estimula a busca por novas fontes; introduz também a situação periférica da região em relação ao resto da cidade, as acusações e construção de estereótipos por parte da imprensa e da elite local. A presença negra na cidade, no entanto, não se restringia a esta única região do África. Outro exemplo de região de forte ocupação e presença de afro-brasileiros(as) é o bairro Mistura (hoje Rio Branco) que, assim como o África-Guarani, permanece até meados do século XX à margem do processo de urbanização (MAGALHÃES, 2010, pp. 82-90)

Outro trabalho encontrado sobre negritude em Novo Hamburgo e com menção ao bairro África é o *Era um hino de fábrica apitando: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil*, de Margarete Fagundes Nunes, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Magna Lima Magalhães e Norberto Kuhn Junior. As autoras e o autor se debruçam principalmente sobre narrativas etnobiográficas que elucidam protagonismos, desigualdades e imagens de negros e negras na sociedade hamburguesa, especialmente envolvendo o mundo do trabalho na virada do século XIX para o XX até meados deste último. Essas narrativas evidenciam separações no que tange a “funções” na sociedade e também em relação a espaços da cidade. Além disso, apresenta recursos imagéticos interessantes que constituem um ótimo recurso para elaboração de materiais/propostas pedagógicas sobre o tema, como a que foi produzida nesta pesquisa. O trabalho nos defronta com as reflexões e memórias de descendentes de trabalhadores negros dos antigos curtumes hamburgueses, sobre suas condições, suas infâncias, seus projetos e suas hipóteses sobre a realidade (NUNES; DA ROCHA; MAGALHÃES; KUHN JR, 2013).

Foram também referências para este trabalho os estudos de Paulo Staudt Moreira, entre os quais destaco “O Inadmissível roubo da carta de alforria do nagô Pedro Allgayer: A escravidão em uma zona de imigração alemã (RS, séc. XIX)”, escrito em parceria com Miquéias Henrique Mugge. Assim como outras pesquisas sobre o tema, os autores utilizam elementos da micro-história e da etnografia para refletir sobre um acontecimento aparentemente banal: o roubo da carta de alforria de um “preto liberto”, Pedro. Analisam a partir desse evento o contexto escravista da região de São Leopoldo do fim do século XIX, com objetivo de questionar décadas de prevalência de um discurso que postula os imigrantes europeus como portadores de visões valorizadoras do trabalho manual e que suas unidades produtivas seriam sustentadas apenas por

mão de obra familiar (MOREIRA & MUGGE, 2013, p. 2). O artigo deixa evidente o protagonismo e a agência de africanos, africanas e seus descendentes no território da colônia, e levanta hipóteses sobre os tipos de relações envolvendo escravizados, ex-escravos e a sociedade branca - ilustração disso é a mobilização comunitária ocorrida em prol do ex-escravo Pedro Allgayer contra um ladrão alienígena. O trabalho de Moreira e Mugge também revisita a legislação contra trabalho escravo nas colônias (1848 e 1850), além de nos fornecer um panorama do processo de crescimento da região de São Leopoldo, município do qual emancipou-se Novo Hamburgo em 1927.

Para se discutir a história da região do Vale do Rio dos Sinos, é interessante considerar a “empresa escravista” que foi a Real Feitoria do Linho Cânhamo (MENZ, 2005, p. 2), transferida em 1788 do sul do atual estado do Rio Grande do Sul para a região que se tornaria São Leopoldo. Sobre esse assunto, foi importante a intensa pesquisa feita por Carlos de Souza Moraes e publicada em 1994. O trabalho de Moraes traz, de forma inédita para a época, documentação original e transcrita de cartas e documentos trocados entre autoridades locais e imperiais sobre a instalação e efetivação do empreendimento. Um dos materiais mais relevantes para esta pesquisa e para a construção da oficina pedagógica é a “Relação dos indivíduos que marcharão em companhia do Inspetor da Real feitoria do linho canhamo Tenente Antonio Jozê Machado Moraes Sargento, para novo estabelecimento que se vá formar no faxinal do courita”, escrito em outubro de 1788 e que trata da transferência da Feitoria e dos trabalhadores e trabalhadoras de Canguçu para São Leopoldo. Nesta relação aparecem os nomes de dois feitores (“Feitor Soldado João Marthins e Feitor Soldado Mathias Marthins”) e uma lista de 18 “cazaes” de escravizados, citando nome e sobrenome. Este dado nos permite fugir de uma abordagem sobre a escravidão no Brasil baseada no anonimato e no reducionismo de simplesmente afirmar que “em São Leopoldo já houveram escravos”, tratando homens e mulheres escravizados exclusivamente como fatores de produção. O trabalho de Moreira e Mugge, antes mencionado, também permite e estimula o esforço de professores e professoras em tentar transformar um imaginário de que “o escravizado não pensa, não cria, não tem noção política, nem consciência de ser visto e se ver como ser humano, como produtor de ideias”⁷. Ao final da relação publicada por Carlos Moraes

⁷ Como aponta Henrique Cunha Júnior em “Africanidades, Afrodescendências e Educação” (CUNHA JR., 2013, p. 74), “as referências feitas a africanos, descendentes de africanos, ficam no patamar das ações reativas, aos impulsos

há ainda uma lista de “escravos de confisco” arregimentados de contrabandistas ao longo da transferência, também com seus nomes (MORAES, 1994, p. 99). Em diálogo com a pesquisa de Moraes, os trabalhos de Maximiliano Menz (2005) e Renata Johann (2010) se debruçaram exclusivamente sobre a organização da Feitoria e das famílias de trabalhadores escravizados que constituíam não apenas a base do processo produtivo, mas famílias que conquistaram significativo grau de autonomia e rebeldia em relação às demandas do Império, o que conturbou a relação com autoridades da Corte.

No que tange a conceitualização do termo raça, este TCC dialoga com as discussões propostas por José Carlos Gomes dos Anjos quando, em artigo publicado em 2008, alinha sua perspectiva de análise das desigualdades raciais no Brasil a partir da compreensão construtivista objetivista, segundo a qual “o cotidiano das relações sociais no Brasil é exposto de forma racializada, a partir de dados estatísticos sobre desigualdade de acesso a recursos sociais como escolaridade, emprego e ocupação de postos de trabalho” (DOS ANJOS, 2008, p. 16). Para o autor, apesar de no cotidiano brasileiro as referências estarem mais associadas à cor e não à raça, a “gramática subjacente a esse texto” (do moreno, por exemplo) supõe diferenciações de raças (Ibidem). Nesse sentido, Eliane Anselmo nos aponta essa realidade para o contexto de São Leopoldo e Novo Hamburgo, a partir de cruzamento de dados do IBGE, que explicitam a situação de desvantagem proporcional da população negra nessas cidades no que diz respeito à escolaridade e sobre a condição de pretos e pardos no mercado de trabalho, estando estes, por exemplo, majoritariamente na condição de empregados, e não de empregadores (ANSELMO, 2015, p. 83-86).

Essa situação e a reprodução do racismo e das desigualdades, muitas vezes de maneira difusa, silenciosa e habitual (ARAÚJO; ARAÚJO, 2003), torna imprescindível, no âmbito escolar, a insistência na reeducação das relações entre negros e brancos, como afirma Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva: “A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é tarefa

do imediato. Somos produtorres de uma cultura Naife, simplória e linda. Percebida como rica em artefatos de simplicidade e improviso. Não de elaboração pensada e alicerce centrado pelo uso da razão”. Cunha Júnior abre seu artigo citando uma petição ao Ministério Público encaminhada pelo educador negro Pretextato dos Passos Silva, solicitando a criação de uma escola destinada a meninos pretos e pardos. O documento é de 1853 e Pretextato julgava as escolas de seu tempo discriminatórias e, portanto, não adequadas para o aprendizado de pretos e pardos (Idem, p. 68).

de todo e qualquer educador, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (BRASIL, 2004, p. 7), no sentido de valorização de todos os pertencimentos raciais, étnicos e culturais, visando ao estímulo de uma cultura democrática, especialmente na escola enquanto espaço público. Essa responsabilidade passa pelas discussões sobre história e historicidade (de diferentes raízes culturais, ancestralidades, visões de mundo, valores e princípios); passa, enfim, pelo dever de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição de africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira (BRASIL, 2004, p. 9).

Imagem 1: Material didático preparado para a intervenção pedagógica. São 8 conjuntos de fontes históricas para análise.



Foto: Clara Martinez Falcão (novembro de 2018)

CAPÍTULO 2 - AS ESCOLAS, AS TURMAS E A OFICINA. ENCONTRANDO O RITMO.

O contato com o ensino público da cidade de Novo Hamburgo se deu a partir do diálogo com um professor e uma professora concluintes do Mestrado Profissional em Ensino de História (Prof-História) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os dois atuam como professores há quase 10 anos, em escolas localizadas em regiões diferentes da cidade, e puseram a disposição suas turmas para a experiência da intervenção pedagógica proposta.

Os encontros nas escolas começaram nos últimos dias de agosto de 2018, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, localizada no bairro Canudos, em Novo Hamburgo, e na Escola Estadual de Ensino Médio Osvaldo Aranha, no bairro Ideal. A segunda é uma escola mais central, localizada nas proximidades da estação Fenac do trem que cruza a cidade; a primeira localiza-se a aproximadamente 20 minutos do Centro utilizando-se o ônibus.

Segundo dados do Censo Escolar de 2017, a Escola Osvaldo Aranha teve 698 matrículas cadastradas, 488 delas no Ensino Médio. Sobre o corpo docente, o portal Cultive Educa apontou, para 2016, 35 professores e professoras com idade média de 42 anos. 31 deles e delas declararam seu pertencimento racial, sendo um pardo ou parda e 30 brancos(as), no ano mencionado. Uma pessoa possuía formação em Educação Afro.

Na escola Machado de Assis, matricularam-se, em 2017, 733 alunos e alunas, 183 nos Anos Finais do Ensino Fundamental. O corpo docente em 2016 era formado por 26 professores e professoras, com idade média de 39 anos. Dos 18 professores(as) que declararam sua raça todos se identificaram como brancos(as). Ninguém, naquele ano, possuía formação específica relacionada a relações étnico-raciais.

A professora parceira neste trabalho se declara branca, o professor disse não declarar seu pertencimento relacionado à cor/raça. Em conversas prévias, perguntei a eles como eram tratados em suas aulas temas relacionados à educação para relações étnico-raciais e à presença afro-brasileira no país e na região do Vale do Rio dos Sinos. Com o Ensino Médio fui informado que a história local não é especificamente trabalhada, mas que algumas provocações nesse sentido são feitas pelo professor ao tratar de escravidão, racismo e de negritude no âmbito

nacional. Assim, essa discussão é exemplificada e trazida para o contexto de Novo Hamburgo, mas sem aprofundamento. Na escola Machado de Assis foi formada há alguns anos uma Comissão da Consciência Negra, que atua com algumas atividades em contra-turnos e em alguns sábados letivos. No entanto, a Comissão não possui adesão e participação de muitos professores e professoras da escola, estando sob a responsabilidade de duas professoras que trabalham lá e de uma professora aposentada, esta última autora de tese de doutorado envolvendo políticas educacionais para relações étnico-raciais no município de Novo Hamburgo (ANSELMO, 2015). Foi possível perceber da parte dos docentes parceiros desta pesquisa sensibilidade em relação ao tema e uma postura de criticidade quanto às desigualdades raciais no Brasil, apesar desses assuntos não serem tratados com a profundidade desejada.

2.1 A *muvuca* e o agito de um sétimo ano e a calma de um primeiro ano...A observação, a convivência com as turmas.

Ambas as turmas onde a oficina foi realizada foram caracterizadas como “boas de trabalhar”, nas palavras de seus professores regulares de História. A média de alunos era parecida, de 30 a 35 estudantes na sala de aula. Nas duas turmas a imensa maioria era de estudantes brancos, e entre dois e três estudantes negros e negras.

Em ambas as turmas me apresentei como professor de Porto Alegre, da mesma universidade que o professor e a professora de História regente deles. Disse que estava interessado em conhecer as turmas porque iria dar uma aula no futuro. Optamos por um certo mistério e por não dar mais detalhes sobre o tema, a data, ou sobre a pesquisa, tentando não influenciar muito o comportamento em relação a minha presença. Pude observar de quatro a seis períodos de História em cada turma.

A turma de sétimo ano do E.F. foi caracterizada como “agitada e participativa”, com poucos alunos que “estragam a aula às vezes”. Desde o início das observações foi possível comprovar a característica enérgica daqueles(as) jovens entre 12 e 13 anos de idade. Além disso, foi possível identificar grupos bastante diferentes que habitavam aquele espaço na condição de

alunos e alunas, o que influenciou significativamente a elaboração e a prática da intervenção pedagógica que eu produzia. Devido às aulas de teor prático que presenciei enquanto “observador participante”, com trabalho e resolução de exercícios em grupos, desenvolvi uma relação de professor-ajudante, circulando pela sala para responder dúvidas e provocar a turma. Pude identificar um pequeno grupo dos mais barulhentos, todos meninos, sentados mais no fundo da sala, onde circulavam comentários engraçados, disputas e afirmações de força, tudo no fim levado na brincadeira por eles. Havia também pequenos grupos, dispersos pela sala, de meninos e meninas que realizavam de maneira mais atenciosa todas as atividades e exercícios propostos. Por fim, havia nessa turma um grupo composto por quatro estudantes, uma menina de inclusão (Educação Especial) e um menino e duas meninas com muitas dificuldades relacionadas à alfabetização, o que comprometia muito sua participação nas aulas e na resolução das atividades propostas. Na parte prática da oficina, optei por designar a este grupo, que permaneceu junto, o material e as fontes com menos informação escrita e mais imagens para serem descritas e analisadas.

“É uma turma que participa e produz” - assim foram descritos os alunos e alunas de um primeiro ano do Ensino Médio da escola Osvaldo Aranha. Minha convivência com essa turma foi mais discreta se comparada ao sétimo ano. Não participei tanto das aulas nas ocasiões em que estava na escola para conhecer os (as) estudantes, principalmente devido ao formato das aulas que presenciei. Foi mais difícil me aproximar e identificar os grupos que já existiam, mas fui muito bem recebido mesmo como apenas um observador. Era uma turma majoritariamente feminina, com idades entre 15 e 16 anos. Assisti com a turma aulas sobre Antiguidade Clássica, e reparei que a turma realmente gostava de participar, levantar o braço e expor suas ideias e hipóteses quando provocada a refletir. Numa das aulas o professor regente falava da fragmentação dos povos que compunham o que se conhece por Grécia Antiga, as diferenças e particularidades desses povos de certa forma unidos enquanto “gregos”. Assim que o professor colocou essa ideia para turma, uma menina, a única negra que identifiquei na turma nesse dia, comenta com seus colegas: *“mas isso aí é o Brasil!”*. É difícil dizer “de onde veio” essa afirmação, se da cultura da escola, da abordagem do professor de história ou da família. No entanto, foi interessante perceber a noção dessa jovem sobre a diversidade de realidades no

Brasil, sobre a dificuldade que pode ser lidar com tantas diferenças e os conflitos que podem resultar dessa situação.

2.2 A construção da oficina e os objetivos dela. O método pedagógico.

Dois elementos relacionados à postura docente e ao método pedagógico nortearam o planejamento. Para planejar a oficina, era imprescindível conhecer as escolas e as turmas antes, mesmo que superficialmente, como descrevi acima. Não me parecia interessante aparecer em frente aos (às) estudantes somente no dia da “aplicação”, por isso fiz questão de assistir tantos períodos de história quanto pude, no sentido de

saber de que alunos nós estamos falando, de qual o contexto social, cultural, político e econômico da comunidade escolar em que as aprendizagens da história estão acontecendo. Se nada sabemos das vidas atuais e possíveis carreiras futuras de nossos alunos, temos também poucos elementos para saber se o que ensinamos tem chance de fazer algum sentido. (SEFFNER, 2013, p. 28)

Da mesma forma, foi motivo de preocupação e preparação o tipo de abordagem que seria adotada frente às turmas. Nesse sentido, tanto experiências anteriores na docência como algumas referências bibliográficas foram importantes. Inspirado em Jacques Rancière, quis, no primeiro momento da atividade, evitar ao máximo as explicações relacionadas ao “conteúdo” que eu trazia para a aula: me afastar, inicialmente, do que o autor chama de postura do *mestre explicador*, baseada na ideia de que aquele que aprende “nada compreenderá, a menos que lhe expliquem” (RANCIÈRE, p. 25). É a prática do professor ou da professora perguntar e solicitar aos alunos que respondam aquilo que ele ou ela acabou de explicar. As afirmações de Rancière são provocativas para se pensar o que construímos em sala de aula, mesmo que o sistema escolar impeça ou que não seja o lugar adequado para o método do mestre ignorante. Neste trabalho, as “lições” do autor inspiraram a proposta de que os alunos e alunas, em pequenos grupos, analisassem e buscassem por si próprios o que aquelas fontes poderiam significar, que mensagem

traziam e que, no momento das apresentações aos colegas, expusessem o que conseguiram *traduzir* daqueles textos, recortes, imagens, etc.

Dessa forma, a primeira etapa da intervenção foi de livre exploração das fontes históricas pelos alunos e alunas em grupos de 3 a 4 integrantes, no sentido de perceber que efeitos o contato com aqueles acontecimentos causava nos estudantes. Dialogando com Nilton Pereira e Marcelo Giacomoni, procurei, enquanto professor, “provocar um encontro” das turmas com aqueles eventos e com aqueles personagens, possivelmente pouco ou nada conhecidos. Identifico assim a postura adotada com o que trazem os autores citados, quando afirmam que a aprendizagem talvez dependa “de uma espécie de lance de dados, de uma violência que se dá nos encontros, por isto a importância de se estar sempre à espreita e aproveitar os encontros (...)” (GIACOMONI; PEREIRA, 2013, p. 17). Tentei ao máximo não explicar o que os alunos e alunas tinham diante de si, para que analisassem o material como quisessem, porque queria ouvir manifestações o mais autorais e espontâneas possível, a partir da ideia de que “em cada acontecimento há sempre um mundo de possibilidades, desdobramentos, interpretações, versões, conceitos, etc.” (SEFFNER, 2013, p. 32).

Nessa primeira etapa há também um momento de resolução de problemas: os pequenos grupos deveriam responder a um curto questionário colado na parte interna da pasta onde estavam as fontes, e deveriam registrar as respostas por escrito. Foram propostas perguntas gerais e específicas. As primeiras estavam em todos os grupos, e tinham o objetivo de ajudar a situar sobre o tipo de fonte e seu momento de produção (“Que fontes o grupo analisou? Quando foram produzidas?”). As segundas eram destinadas estritamente a cada um dos grupos, e foram pensadas para ajudar na análise das fontes. Por exemplo, se o material era uma reportagem de jornal, questionou-se sobre o assunto da matéria e como o grupo entendia a opinião/o posicionamento do autor ou do veículo que a publicou.

Esses curtos questionários propostos tinham a intenção de ajudar os(as) estudantes a organizar as possibilidades de significado do material estudado e para facilitar o terceiro momento da dinâmica. Este consistia na apresentação de cada grupo para o resto da turma e para o professor, visto que cada grupo só teve acesso a um tipo de material. Este momento da

atividade é o que demanda mais tempo, pelo número elevado de grupos (oito) e pelo fato de que consistia em exposição oral e debate.

As fontes históricas utilizadas na oficina

As fontes históricas e os temas e discussões que traziam estavam divididas em oito grupos, como está no roteiro produzido e utilizado para a aplicação (ANEXO). A grande variedade se justifica por alguns fatores, entre eles o de que tive acesso a uma quantidade significativa de material e muita coisa parecia interessante de ser levada e debatida com os (as) estudantes; além disso, com vários grupos o número de alunos(as) por grupo diminuiu, dificultando a dispersão. O objetivo aqui não é o de esmiuçar todas os materiais utilizados na oficina, que aparecem integralmente no fim do trabalho, mas de apresentar e exemplificar os mundos, os temas que esses suportes (textos, recortes, fotografias, depoimentos, memórias, ocorrências policiais e escrituras) nos ajudam a desvelar.

Trabalho

O primeiro conjunto de fontes está relacionado ao mundo do trabalho. Trata-se de fotografias antigas de curtumes localizados em Novo Hamburgo, retratando tanto a dimensão externa dos empreendimentos, o espaço que ocupavam na cidade e a importância econômica para a região, quanto o interior, com uma foto mostrando a reunião de trabalhadores no seu espaço laboral, deixando explícita a presença de homens negros. O objetivo era provocar os alunos e alunas a pensar sobre quem eram os trabalhadores(as) de uma cidade cuja memória oficial foi construída a partir apenas da imigração e da memória teuto-brasileira e branca. Inicia-se assim uma discussão sobre a diversidade de origens (raciais, étnicas, culturais) da região. Neste grupo também estavam trechos de depoimentos de descendentes dos trabalhadores negros de curtumes de Novo Hamburgo, para nos aproximar das condições de trabalho de meados do século XX:

“E o falecido papai, ele trabalhou numa envernizaria de couro onde naquela época o couro era, era envernizado manual... Era um líquido, uma pasta tipo um piche, tipo esse... Essa massa asfáltica. E aquilo era passado com uma espátula em cima de um couro, né! Com uma lixa... Anteriormente ele era lixado, bem

liso, né!, para depois eles aplicarem aquilo com uma massa quente, com uma espátula. Eu lembro que o papai suava muito uma época, porque era quente aquela massa, e ele, ali, trabalhava. Até que em uma determinada época ele se adoentou, não pôde mais trabalhar, se aposentou e... Mas eu acho que ali começou meu gosto pelo couro, né!, já antes mesmo de eu ter nascido.” (Valmor, 61 anos em 2013. In: NUNES, DA ROCHA, MAGALHÃES & KUHN JR, 2013, p. 281)

Aspirações

Explicitada a presença de trabalhadores negros no setor que deu notoriedade nacional e internacional à cidade de Novo Hamburgo, a pesquisa e a intervenção pedagógica buscou também perceber a agência desses indivíduos, sua força de mobilização frente aos problemas que enfrentam, e as estratégias que constroem para atingir seus objetivos. Nesse sentido um dos grupos foi responsável por analisar um pequeno recorte do periódico O 5 de Abril, datado de 6 de março de 1936. Apesar de se tratar de uma nota curta, o acontecimento em questão é muito rico para o debate sobre relações étnico-raciais em uma “colônia alemã”:

Uma aspiração dos negros

Visitou esta redacção uma comissão de homens de cor, que vieram protestar contra os cinemas desta cidade, por não lhes permittirem estes a entrada na platéa. Pleiteiam, por isso, que estas casas de diversões estipulem, pelo menos, um preço especial para os logares que indicam para a classe negra. (Jornal O 5 de Abril, 06/03/1936. Arquivo Municipal de Novo Hamburgo)

É possível a partir dessa nota lançar várias questões, além de explicitar o fato da segregação racial existente em Novo Hamburgo. O objetivo foi estimular o grupo a pensar sobre onde sentavam os homens e as mulheres negras nos cinemas da cidade, pensar sobre o que motivou uma “comissão” a tomar a iniciativa descrita e, como provocação, instigar sobre as conclusões dessa história, visto que os desdobramentos não foram publicados no periódico.

“Nos entendemos muito bem”, episódio 1

Um terceiro grupo ficou responsável por analisar um artigo do jornal O 5 de Abril de 20 de maio de 1960 escrito por Eugênio Nelson Ritzel⁸. Essa fonte nos põe em contato com a ideologia do mito da democracia racial, explicitamente através de um trecho:

⁸ <https://portal.camaranh.rs.gov.br/municipio/prefeitos/eugenio-nelson-ritzel>

“No Brasil, a discriminação racial nem poderia tomar sentido. Entendemo-nos muito bem. Cada qual procura sua sociedade, e normalmente, não há problemas, embora o nível educacional e o analfabetismo ainda sejam as principais causas dos inevitáveis atritos entre brancos e ‘coloreds’.

Nas escolas e nos esportes existe uma perfeita assimilação. O homem vale pelo que sabe, para nós, brasileiros, tanto seja branco como preto. Não interessa a cor de sua pele. Sua educação, seu procedimento, sua conduta social constituem o primário de sua integração na comuna.

O moreno, tipo híbrido de predominância neste Brasil afora, é o principal representante étnico, em matéria de número.

Chamavam-no, em Novo Hamburgo, de ‘*brasilianer*’, que residia no ‘Mistura’, hoje Bairro Rio Branco. No bairro da África, hoje Guarani, como o nome primitivo já dizia, era onde habitavam as famílias de pretos.

Embora tivesse havido tendência para a discriminação racial no interior brasileiro, como aconteceu nesta cidade e nas demais, hoje pouco se fala no assunto.

Com a libertação dos escravos, proclamada pela rainha Izabel, o problema da discriminação racial no Brasil, começou a desaparecer.

Todos se respeitam mutuamente, admitindo a co-existência como fator de paz e harmonia, elementos indispensáveis ao progresso das atividades produtivas (...)”

(Jornal O 5 de Abril, 20/05/1960. Arquivo Municipal de Novo Hamburgo)

A partir desse material os alunos e alunas foram instigados a identificar o tipo de discurso de um indivíduo e de um meio de comunicação responsáveis por difundir informação e opinião.

“Nos entendemos muito bem”, episódio 2

O grupo seguinte teve acesso a um contraponto ao mito da democracia racial, com uma matéria do jornal Folha da Tarde, publicado em Porto Alegre em setembro de 1965, sobre um episódio de discriminação ocorrido em Novo Hamburgo:

Impedidas de entrar em um clube: Duas estudantes e atletas do Floriano vítimas de discriminação racial em NH.

(...) ocorreu sábado último, à noite, na portaria da Sociedade União Fraternal, desta cidade, quando duas jovens estudantes de cor, destacadas atletas do departamento amador do Esporte Clube Floriano, foram barradas por elementos da diretoria da Sociedade, numa reprovável discriminação e desrespeito à lei Afonso Arinos de Mello Franco⁹, agravadas as circunstâncias porque não se tratava de uma festa de responsabilidade da sociedade, e sim do grêmio estudantil a que pertencem as aludidas moças.

Eulália Terezinha Batista e Eli do Carmo Batista, estudantes do curso ‘Artigo 99’, que funciona na comunidade São Luiz, desta cidade, foram as vítimas da acintosa atitude de diretores do Clube União Fraternal, insolitamente impedidas

⁹ Lei 1390/51 de 3 de julho de 1951. Lei que proíbe a discriminação racial no Brasil.

de participar do baile que o Grêmio Estudantil do ‘Artigo 99’, naquela noite, realizava (...) As duas estudantes, na boa fé, adquiriram suas entradas e ali compareceram com seus convites, mas sofreram verdadeiro constrangimento quando os demais entraram e elas foram retidas de forma até deselegante, pelo próprio presidente do clube, que mandou devolver às moças o preço das entradas, alegando que não poderiam de forma nenhuma entrar, e se insistissem chamaria a polícia.

Diretoria explica

Instado pelos membros do clube estudantil para permitir a entrada das duas jovens, o presidente declarou que havia enviado um ofício (...) autorizando a realização do baile mas advertindo que seria proibida a entrada de estudantes de cor. Cenas desagradáveis tiveram curso na entrada da sociedade (...) Não é esta a primeira vez que ocorrem fatos discriminatórios às portas dos clubes locais, e há tempos, em outro baile de estudantes, fato igual se repetiu numa outra sociedade de Novo Hamburgo.

Como se vê, a Lei Afonso Arinos de Mello Franco ainda não foi bem compreendida e nem respeitada por núcleos do interior do Estado, e se registra em Novo Hamburgo, hoje uma cidade incorporada à ‘grande Porto Alegre’, um ato de discriminação racial que só pode merecer veemente protesto e repúdio, ainda mais porque voltado contra duas jovens estudantes de cor, atletas laureadas de outro prestigioso clube e moças das mesmas condições morais dos demais estudantes brancos que fizeram e participaram da festa.”

(Jornal Folha da Tarde, 24/09/1965. Arquivo Municipal de Novo Hamburgo)

A intenção ao trabalhar com esta fonte era problematizar a ideia de que “todos vivem bem, todos se respeitam, as pessoas são pelo que sabem”, como escreveu Ritzel cinco anos antes. Além disso, explicitar parcialidade e a intencionalidade por trás de uma coluna jornalística/opinativa.

O África

Um dos aspectos que mais chamou a atenção ao se estudar e se escutar sobre o passado da região de Novo Hamburgo foram as histórias sobre o bairro África, conhecido hoje como Guarani. É uma região que foi habitada por muitas famílias negras, segundo diversas fontes disponíveis, numa situação que lembra a Colônia Africana em Porto Alegre. O topônimo África aparece em registros de periódicos pelo menos entre os anos 1930 e meados dos 1950. Tive acesso a um deles, localizado na parte de ocorrências policiais d’O 5 de Abril. Além disso, no Arquivo Municipal de Novo Hamburgo encontra-se a digitalização de uma escritura de compra de terras do ano de 1924 em que há referência à região do África. Pelo planejamento da atividade, um grupo de alunos(as) fica responsável por analisar estes registros, além de trechos de depoimentos orais concedidos a Margarete Nunes, Ana Luiza da Rocha, Magna Magalhães e

Norberto Kuhn Junior, como este do Sr. Alcides, com 74 anos quando concedeu entrevista em 2013:

“Quando eu era criança, o bairro África era, era época de guerra, né? Segunda Guerra Mundial. Então o meu pai trabalhava, trabalhava no curtume (...) e a gente tinha nos finais de semana uns clubes de futebol. E isso aqui era... Essa área aqui, o bairro era dividido. A rua Demétrio Ribeiro, isso até hoje quase é assim, não é tanto... Mas era dividido. Aquela parte de cima, quem sobe à esquerda, eram só os de origem alemã que moravam ali. E no lado de baixo, da direita, ali, é que moravam os brasileiros e os ‘pelos duros’, que a gente chama. E negro também morava ali. Era dividido assim, não sei o porquê assim, mas os alemães moravam todos do lado de lá e os negros do outro lado” (NUNES, DA ROCHA, MAGALHÃES & KUHN JR, 2013, p. 287)

Carlão

Através da tese de Eliane Anselmo, conheci a figura e a obra de Carlos Alberto de Oliveira. Artista negro natural de Novo Hamburgo, construiu seu próprio estilo de retratar, mais recentemente, cenas urbanas, circulação de pessoas, diversidade. Tematizou em suas pinturas a questão racial e a discriminação, e expôs essas obras no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e em diversas cidades da Europa no anos 1990. Pareceu-me interessante apresentar essa figura histórica de Novo Hamburgo, um pouco da sua biografia, a complexidade de suas obras, e um convite para que a turma analisasse algumas delas - no sentido de desvincular o mundo das artes somente do círculo branco-alemão.

Imagem 2: Estudantes manipulam material didático sobre Carlos Alberto de Oliveira.



Foto: Said Solomón (2018)

Cânhamo e Escravidão

Como vimos, um tema pouco estudado é a empreitada da Real Feitoria do Linho Cânhamo, instalada em 1788 onde hoje é a cidade de São Leopoldo. O fato de tirar um pouco o monopólio do protagonismo do europeu imigrante na história local torna esse tema interessante de ser trabalho em sala de aula. Como algumas pesquisas nos mostram, como por exemplo as de Carlos de Souza Moraes, Maximiliano Menz e Renata Johann, outros atores compuseram os tempos anteriores à imigração, e é preciso destacar a centralidade do trabalho escravo para o funcionamento da Real Feitoria. Moraes em seu trabalho traz inclusive listagem dos casais de escravizados que se instalaram no Faxinal do Courita (São Leopoldo), o que nos permite saber os nomes desses indivíduos, além dos escravos de confisco. O trabalho de Renata Johann, como vimos, dá ênfase para a autonomia que essas famílias tinham e como isso dificultou o empreendimento da Feitoria. O assunto também ajuda a problematizar a dissociação que muitas vezes se faz entre região de imigração europeia e trabalho de escravizados escravizadas.

Velhos e velhas

Por fim, o último conjunto de fontes relaciona-se às histórias dos velhos e das velhas, às memórias das anciãs e anciãos e sua colaboração para a construção do que tenha sido o passado e do que é o presente. Esse tema evidencia os valores civilizatórios africanos como tema de estudo e discussão - no caso desta seleção de fontes, a oralidade, os ensinamentos e as histórias. As perguntas específicas lançadas para os alunos giravam em torno da importância desse papel. Foram apresentadas uma reportagem sobre as griôs de um bairro de Novo Hamburgo, e fotos antigas de um histórico clube negro da cidade, o Cruzeiro do Sul.

CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: OS TIPOS DE MANIFESTAÇÃO PERCEBIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA OFICINA.

A coleta dos dados que tento organizar e discutir neste capítulo se deu através de, principalmente, meus relatórios de campo, anotações feitas durante e depois dos momentos junto às turmas. Além disso, foi aprimorada através de conversas com o professor e a professora de História das turmas, o que me ajudou muito a relacionar o que vivenciei na minha prática com o comportamento regular das(dos) estudantes com quem convivi.

No momento de pôr em prática a oficina, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, o professor e a professora regular de História das turmas estavam comigo na sala de aula. Apesar de eu estar dirigindo a dinâmica, a presença deles foi importante por conhecerem mais os e as estudantes e por terem me ajudado a responder dúvidas que surgiram ao longo do processo de realização.

Imagem 3: Conteúdo de uma das pastas produzidas para a oficina e distribuídas aos alunos(as).

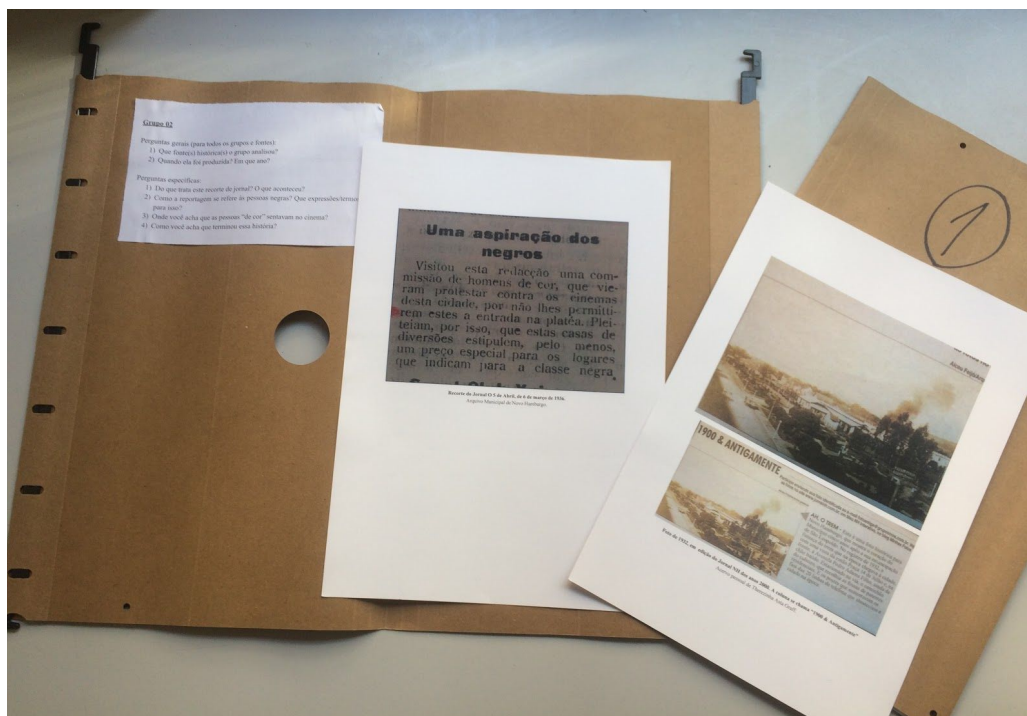


Foto: Clara Martinez Falcão Pereira (2018)

Só vamos falar de racismo?

A turma de 1º ano do Ensino Médio foi o ambiente onde a intervenção planejada “rendeu” mais no momento em que foi posta em prática, ou seja, foi onde os alunos e alunas se expuseram mais no que diz respeito a comentários e opiniões que considerei autorais - não relacionadas estritamente a responder de maneira correta o questionário e outras perguntas que surgiam. Foi possível nessa ocasião algo próximo a um debate, com significativa participação dos(das) estudantes. Atribuo esse fato à faixa etária média da turma (15 anos) e ao tipo de material que a oficina trouxe para a sala de aula: recortes e reportagens de jornais de meados do século XX, fotografias da cidade de Novo Hamburgo da mesma época, relatos de pessoas velhas sobre o “desbravamento” pioneiro de algumas regiões, materiais que chamaram a atenção. A turma se deteve sobre as fontes e conversou sobre elas em pequenos grupos.

É preciso enfatizar uma questão que se faz presente em qualquer pesquisa que envolva a realização de uma intervenção pedagógica: os imponderáveis do cotidiano escolar. As datas nas duas escolas sofreram alterações, o que comprometeu o esforço de aplicação em um número maior de turmas. Além disso, nos vimos obrigados, eu e os professores de História das escolas, a levar em consideração o momento de aplicação da oficina, as preocupações dos alunos e alunas com avaliações de outras disciplinas e atividades envolvendo projetos das escolas. Outro exemplo: um dos alunos do 1º ano com quem tive contato desde o início das observações e que joga no clube de futebol da cidade, foi uma das pessoas para quem a aula foi “pensada”, pois haveria menções à história desse time. Entretanto, este aluno em particular não participou muito das discussões e nem pude requisitar muito que o fizesse: ele acabou chegando atrasado quando a oficina foi realizada, porque (descobri depois), estava “matando aula” para ficar no pátio com a namorada, que não estava se sentindo bem. São situações e possibilidades que, apesar de frustrantes para o professor ou professora, fazem parte do cotidiano no território escolar:

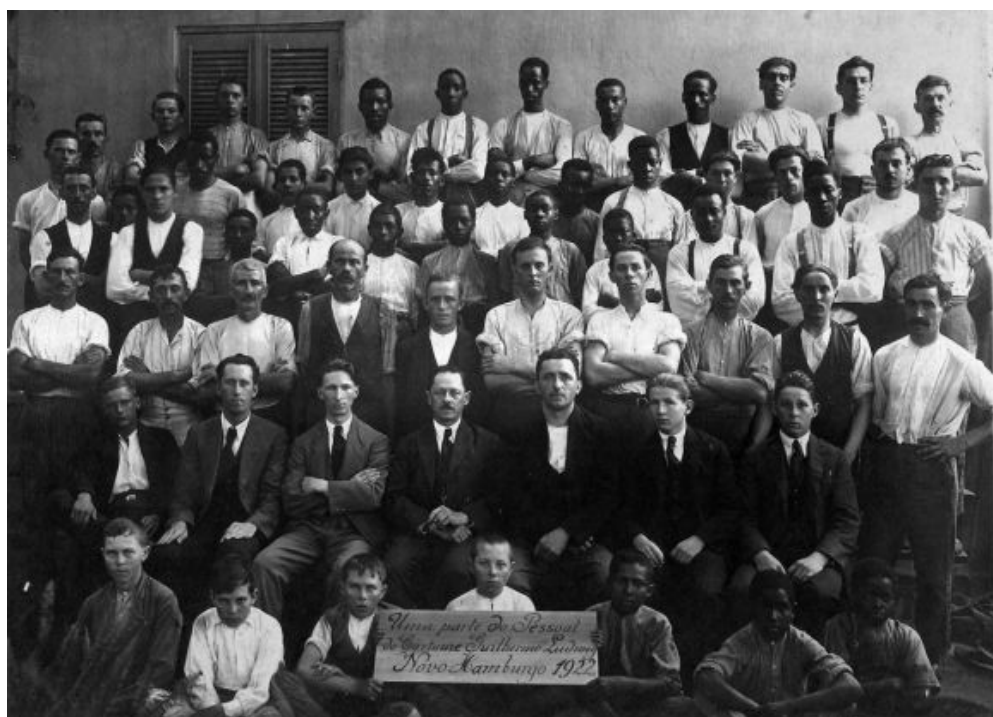
Cada vez mais, no cenário contemporâneo, ela [a escola] é local para os processos de sociabilidade e socialização. Entendemos aqui sociabilidade como o aprendizado de modo livre e espontâneo que acontece entre as crianças e jovens, testando os modos de relacionamento uns com os outros, ampliando seus círculos de relação, aprendendo o valor da amizade, que não se confunde com os

laços de sangue da família, pois é livremente escolhida. (FACHINETO, SEFFNER & DOS SANTOS, 2017, p. 13)

Pelos resultados colhidos e pelas manifestações que ocorreram durante a prática, acredito que a turma tenha compreendido o propósito da discussão, qual seja, a complexidade, a diversidade e as disputas relacionadas à ocupação e ao crescimento do Vale do Rio dos Sinos. Foi possível uma primeira abordagem que tentou, em alguns momentos, ir além da ideia de cultura afro-brasileira apenas como reativa, simplória e linda (CUNHA JR., 2013, p. 73-74). No entanto, não com a profundidade esperada pelo professor, mas como uma aproximação inicial (e positiva) com os temas.

Analiso agora alguns momentos específicos da aplicação da oficina, relacionados às fontes históricas que mais causaram discussões e comentários por parte da turma. Assim, desenvolvo aqui alguns dos tipos de manifestações percebidos e registrados.

Imagem 4: Trabalhadores do Curtume Ludwig. Novo Hamburgo, 1922.



Fonte: Acervo pessoal de Ângelo Reinheimer, Fundação Ernesto Frederico Scheffel de Novo Hamburgo. In: NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: *Etnográfica*, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291.

Um grupo formado por três moças e um rapaz ficou responsável por analisar esta foto do curtume Ludwig, empreendimento importante da cidade de NH, na forma deste registro fotográfico de 1922. Neste grupo estava a única menina negra da turma, e desde as observações percebi que era um grupo de alunas e aluno bastante participativos, por isso deixei com eles o material que abriria as apresentações.

Desde o início do trabalho o grupo se sentiu provocado a analisar as diferenças e semelhanças entre as pessoas que aparecem na foto. Repararam que “*são homens de distintas idades, muito provável que os homens melhor vestidos sejam da família do dono da empresa*”¹⁰. Foi perceptível a associação que os estudantes fizeram nessa primeira discussão entre pessoas negras e a condição de escravizadas, e esse debate se instalou no grupo durante a análise do material, e depois de um tempo os próprios alunos começaram a formar outras hipóteses. Nesses momentos de conversa entre o grupo e entre este e o professor, um aluno disse que “*não é porque tem negro na foto que é escravo*”, abrindo para a possibilidade de se tratar de homens livres. O aluno mostrou entender que, mesmo antes de 1888, nem todo negro era escravo, distanciando-se dessa simplificação. No entanto, o ano da foto é 1922 - oficialmente não haveriam mais pessoas na condição de escravizados. A colega logo retruca: “*se fossem escravos não iam aparecer na foto*”, o que manifesta uma ideia de que a escravidão é algo a ser escondido e negado, ou seja, não poderia fazer parte do quadro de referências comuns da memória (POLLAK, 1989, p. 9). O grupo também manifesta um olhar com valores do presente (repúdio à escravidão) apontados para um momento em que a abolição formal do regime escravocrata era muito recente. Por muito tempo a posse de escravos fez parte da estrutura da sociedade no Brasil e constituía até símbolo de status. A ideia de que *não iam aparecer na foto* pode também ser relacionada à postura de esconder, silenciar as faces consideradas indesejáveis da história de Novo Hamburgo, da mesma forma como aponta Magalhães (2010, p. 91) na discussão sobre o desaparecimento da designação África para um bairro da cidade.

No momento da exposição e conversa com a turma toda, algumas pessoas enfatizaram as diferenças e a separação entre homens negros e homens brancos. Referindo-se ao fato de não

¹⁰ Trecho escrito como resposta ao questionário.

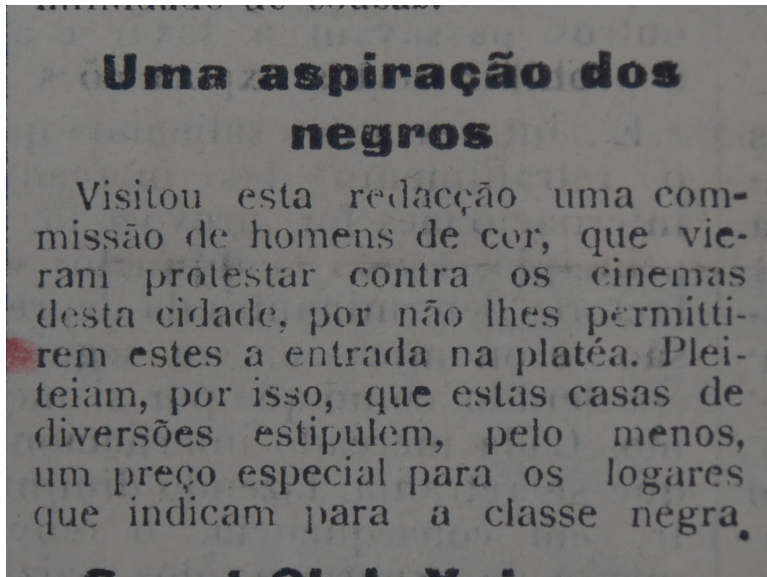
aparecerem muito “misturados” na fotografia, uma aluna diz que essa fonte “*já mostra que tinha racismo*” na sociedade hamburguesa daquela época.

Nessa turma de primeiro ano, com maioria de alunos e alunas brancas, os principais temas que ocuparam as discussões foram escravidão e racismo, sendo que a turma logo percebeu e elegeu esses temas para abordar tanto nas respostas escritas como quando expuseram oralmente ao restante dos colegas. Mesmo tendo eu reiterado nos meus momentos de fala e comentários que se tratava de percebermos outros personagens da história da cidade de Novo Hamburgo, onde estavam e o que faziam, uma aluna me chama durante o trabalho em pequenos grupos e me pergunta “*só vamos falar de racismo hoje?*”. E, de fato, talvez esse tenha sido, para a turma, o principal tema da aula. Quando reunidos nos grupos, antes de apresentar para toda a turma, essas discussões foram bem mais intensas. O desafio ao professor nesses momentos é saber perguntar, estimular antes o pensamento dos estudantes, para em outro momento lançar mão de explicações. Segundo Elenilton Neukamp (2013, p. 30), é importante na prática pedagógica não adotar um tom ou uma abordagem moralista, mas “problematizar as respostas, comentários e perguntas que são feitas, seja em que direção”. Em uma oficina de dois períodos apenas, esse momentos foram esmagados, também por causa da quantidade grande de materiais para serem analisados. A explicação, que eu queria evitar, tornou-se necessária em alguns momentos para tentar tornar o tema e o protagonismo afro-brasileiro mais evidente.

Pude perceber com nitidez que aquelas fontes e aquele assunto eram uma total novidade para a turma, porque dificilmente alguém mostrou familiaridade com os tópicos, os textos ou as imagens trazidas à aula.

O grupo que analisou as fontes relacionadas à “aspiração dos negros” entendeu o tom segregacionista da prática de brancos e negros não sentarem juntos nas sessões de cinema na cidade.

Imagem 5: Recorte do Jornal O 5 de Abril, de 6 de março de 1936.



Fonte: Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.

Quando solicitados para imaginar onde sentavam os negros, ou onde assistiam aos filmes disseram e escreveram que “*em algum lugar longe das pessoas brancas ou até em uma sessão especial só para negros*” ou que “*sentavam no chão*”. Este grupo trouxe a comparação com a segregação nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, e deram exemplos de espaços e serviços diferenciados para brancos e para negros naquele contexto, o que facilitou trazer reflexões análogas para a realidade do sul do Brasil.

Sobre o material envolvendo o texto “A discriminação racial”, cujo viés remete a ideologia da democracia racial, alguns membros do grupo se manifestaram parecendo concordar com o autor do texto, tratando não como algo escrito em 1960, mas usando os verbos no presente. Segue o registro escrito:

Pergunta: O que o autor fala sobre a discriminação racial no Brasil? Como ele se posiciona sobre o assunto?

Resposta: “*Antes havia mais preconceito e hoje em dia está mais moderado, tudo graças a rainha Izabel. A discriminação racial não tem sentido e a cor da pele não tem importância mas sim a capacidade mental.*” [Grifo meu]

Na discussão sobre o bairro África, nenhum aluno ou aluna disse conhecer histórias sobre o local e este topônimo, e o grupo específico responsável por apresentar à turma associou a presença africana e negra exclusivamente ao passado:

Professor a um aluno do grupo: Por que tu acha que o bairro mudou de nome?
Aluno: *Ah...não sei. Acho que foram [os negros] desaparecendo, se espalhando...*[Grifo meu]

Percebe-se na fala deste aluno a tendência de invisibilização das diferenças (ROSA, 2014, p. 61) no que tange à história local, que teria como protagonista um único grupo étnico.

As obras de Carlos Alberto de Oliveira, Carlão, disponibilizadas aos alunos e alunas não são as de teor mais crítico e de temática explicitamente racial, como ficou conhecido um conjunto específico de obras dos anos 1980 do artista que retratam a discriminação (ANSELMO, 2015)¹¹. São cenas urbanas, que transmitem a sensação de aglomeração e o ritmo de correria da cidade grande.

Imagem 6: Embarque no ônibus, de Carlos Alberto de Oliveira (2011).

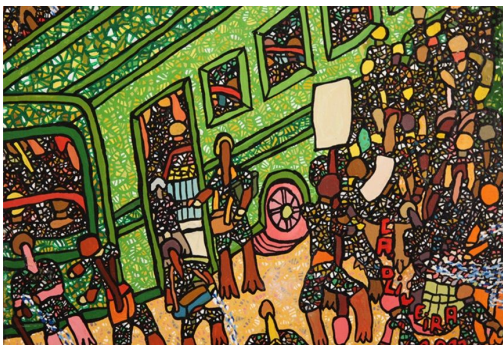


Imagem 7: Calçada Oswaldo Cruz, de Carlos Alberto de Oliveira, 2002.



Fonte: <https://feevale.br/acontece/noticias/mostra-no-espaco-cultural-feevale-homenageia-carlao>

No entanto, para o grupo que analisou estas obras da primeira década dos anos 2000, ficou evidente que ao retratar lugares públicos, o autor ilustra “*divisões sociais e raciais nas cidades, que muitas vezes os ‘brancos’ andam com os brancos e negros com negros*”¹². A

¹¹ A tempo de realizar as oficinas e esse texto, não tive acesso ao mencionado conjunto de obras do artista com temática explicitamente racial.

¹² Resposta escrita por alunos à questão “Que tipo de cenário o artista retrata em suas obras? Como é a vida na cidade para ele?”

multiplicidade de cores utilizada por Oliveira é representativa para o grupo, pois “*mostra etnias e diversidades na sociedade entre as pessoas em lugares públicos*”¹³. Nessas manifestações os/as estudantes foram além das intenções do professor ao abordar a biografia e as obras de Carlão, e utilizaram os conceitos “raça” e “etnia”, que não haviam sido mencionados explicitamente antes das apresentações em grande grupo, para compreender as pinturas.

Conheci um pouco da minha cidade

A turma de 7º ano do Ensino Fundamental que apresentei brevemente no capítulo anterior foi onde a oficina ocorreu primeiro e, portanto, serviu como sondagem e preparação para uma segunda aplicação, na turma de Ensino Médio. Assim, entre uma turma e outra o planejamento sofreu algumas pequenas alterações, algumas perguntas do questionário às fontes primárias foram reformuladas ou retiradas.

Com a turma do Ensino Fundamental a interação foi bem mais silenciosa no que diz respeito às manifestações autorais e espontâneas dos/das estudantes. O que mais me chamou atenção durante a realização foi o esforço e a sensação de missão que a turma parecia ter em exclusivamente responder de maneira correta as perguntas do questionário. Fui chamado inúmeras vezes em cada grupo porque queriam saber *qual era a resposta certa e onde colocá-la*. Eu havia percebido esse empenho em *achar respostas* nas aulas em que observei a turma, e mesmo tendo enfatizado que queria que eles/elas contassem, no último momento da oficina, com as suas palavras para a turma toda sobre o que descobriram, me pareceu que a preocupação era apenas responder corretamente.

Por essa experiência como sondagem, e pela postura atípica que a turma adotou no momento em que o professor visitante assumiu dois períodos de aula, a professora de História da turma tomou a iniciativa de, na semana seguinte, retomar com eles/elas a temática.

¹³ Também resposta escrita ao questionário.

Imagem 8: “Conhecemos a história de um desenhista de Novo Hamburgo. Seu nome era Carlos. Ele ficou famoso com seus desenhos que eram coloridos e mostravam o dia a dia das pessoas na cidade. **Conheci um pouco da minha cidade**” Transcrição da manifestação de aluno, cuja imagem está reproduzida [Grifo meu].

COMH E COMO A HISTÓRIA DE UM DESENHISTA DE NOVO HAMBURGO. SEU NOME ERA CARLOS. ELE FICOU FAMOSO COM SEUS DESENHOS QUE ERAM COLORIDOS E MOSTRAVA O DIA A DIA DAS PESSOAS NA CIDADE. CONHECI UM POCO DA MINHA CIDADE

Foto: Meri Machado (2018)

A proposta da professora foi que, depois de visualizarem novamente as fontes (dessa vez em projeção), cada aluno(a) da turma escrevesse um texto comentando sobre como havia sido a aula, que material analisaram e quais conclusões tiravam disso. Os alunos e alunas puderam consultar o que haviam anotado durante a oficina na semana anterior, e algumas manifestações escritas mostram que determinadas discussões trazidas ficaram de alguma forma marcadas, como por exemplo esta:

Imagem 9: “Eu não só aprendi com o trabalho do meu grupo, como aprendi com o trabalho dos outros grupos. Descobri que antigamente, nos cinemas, os negros só podiam sentar nas galerias, que são locais bem altos, longe dos brancos e que torna difícil de enxergar. Também aprendi que a discriminação racial é basicamente dizer que o país não há racismo, sendo que ele tem”. Manifestação de aluno transcrita.

Eu não só aprendi com o trabalho do meu grupo, como aprendi com o trabalho dos outros grupos. Descobri que antigamente, nos cinemas, os negros só podiam sentar nas galerias, que são locais bem altos, longe dos brancos e que torna difícil de enxergar. Também aprendi que a discriminação racial é basicamente dizer que o país não há racismo, sendo que ele tem.

Foto: Meri Machado (2018)

Em ambas as turmas, mas mais intensamente no Ensino Médio, me deparei com os seguintes tipos de reação às fontes históricas levadas às salas de aula, e conseqüentemente ao tema que permeava todas elas:

- 1) Percebi majoritariamente um total desconhecimento das turmas em relação ao passado africano e escravista da região do Vale do Rio dos Sinos. Os acontecimentos e problemas que as fontes traziam pareceram uma grande novidade aos alunos e alunas, que ficou evidente com as perguntas que eu lançava tanto para pequenos grupos como para a turma em geral, questionando se alguém já tinha ouvido falar daquele tipo de tema relacionado à história de Novo Hamburgo.
- 2) Aliado a esse primeiro aspecto, foi possível reparar na surpresa que as turmas manifestaram com o fato da presença e do protagonismo histórico afro-brasileiro na cidade onde moram. Ninguém durante a oficina disse já ter ouvido falar sobre o bairro África, por exemplo, que se torna uma presença “fantasma” no imaginário sobre a região.
- 3) Chamou a atenção das turmas a forte característica racista e discriminatória de algumas situações, acontecimentos e eventos trazidos pelo professor durante a intervenção pedagógica. Isso ficou particularmente evidente durante as discussões sobre a foto do curtime Ludwig, de 1922, que traz o registro imagético da presença de muitos trabalhadores negros na produção coureiro-calçadista, ícone da projeção nacional e internacional da cidade durante a época de crescimento econômico mais pujante. Outros exemplos desse tipo de manifestação se deram na discussão sobre a “aspiração dos negros” e na análise das obras de Carlos Alberto de Oliveira.
- 4) Foi possível perceber, em alguns comentários, a presença escrava como algo a ser escondido ou omitido pelos registros oficiais sobre a história local. Como vimos, podemos relacionar essa ideia às noções de enquadramento da memória, construção de invisibilidade e esquecimento.
- 5) Por fim, ficou evidente que o ponto mais sólido em relação à história local presente no imaginário das turmas é o protagonismo alemão como único e maior povoador e habitante da localidade. Por exemplo, quando um grupo da turma de 1º ano do E.M. apresentava as fontes sobre a Real Feitoria do Linho Cânhamo, instalada na região que

hoje corresponde à cidade de São Leopoldo, uma aluna comenta que os indivíduos escravizados que ali moraram e trabalharam eram “dos alemães”, mesmo tendo lido que a empreitada da Feitoria no Vale do Rio dos Sinos tem início em 1788, bem antes da chegada das famílias germânicas.

Considero importante mencionar também algumas situações que *não ocorreram*, mas que fizeram parte da preparação e do planejamento da atividade:

- 1) Não ocorreram por parte das turmas quaisquer questionamentos à versão sobre o passado ou à ênfase trazida por mim, o professor, envolvendo a história de Novo Hamburgo. Essa percepção pode significar várias coisas: em primeiro lugar, um constrangimento em se manifestar com o professor “alienígena”, que conviveu com as turmas apenas algumas semanas, alguns encontros. Por outro lado, pode significar que os(as) próprios estudantes não possuem uma versão consolidada sobre a história local, sendo possível “aceitar” um discurso trazido em cima de evidências, fontes históricas bastante explícitas e diversas sobre a comunidade negra e partes de seu passado, sobre a discriminação por parte da comunidade branca-alemã, e sobre o racismo até hoje cotidiano e evidente.
- 2) Não ocorreram manifestações racistas mais visíveis durante as aulas, como eu e minha orientadora achávamos que pudesse ocorrer, principalmente por se tratar de turmas de significativa maioria branca. Era uma preocupação nossa a possibilidade de ocorrência de alguma piada ou algum comentário de cunho racista, considerando a faixa etária das turmas, e houve preparação para lidar com isso, mas esse tipo de manifestação não foi percebida.

Por fim, gostaria de expor alguns aspectos sobre o ensino envolvendo história e memória, a partir de um diálogo com um artigo de Benoit Falaize (2014), no qual o autor discute a abordagem de temas sensíveis e controversos em escolas francesas. Falaize identifica algumas dificuldades para as aulas de história, que podem fazer com que estas se choquem com as reações dos alunos, e isso poderia “minar” o pacto pedagógico entre professores e alunos. Não vou aqui analisar a ideia de pacto pedagógico ou seu rompimento, mas, a partir das dificuldades

apresentadas pelo autor, discutir três pontos que podem ser considerados controversos na realização da atividade que é tema deste TCC. Primeiro, porque o caminho que tentei trilhar com as turmas poderia produzir uma ideia de “concorrência entre memórias” (FALAIZE, 2014, p. 237), no sentido de questionar uma versão hegemônica da história local e querer pôr outra em seu lugar, mantendo uma visão homogeneizante e dicotômica do passado (alemães *versus* negros; imigração *versus* escravidão; indígenas *versus* alienígenas).

Não foi minha intenção chegar com os alunos e alunas à conclusão de que “Novo Hamburgo não é uma colônia alemã” ou que “tudo que vocês pensam que sabem sobre a cidade é fantasia”. Pelo contrário, minha ideia era, e aqui entra um segundo ponto controverso (que pode gerar questionamentos e dificuldades para professores), tentar promover uma conjunção minimamente respeitosa entre diferentes histórias e diferentes memórias (Ibidem, p. 230), ao mesmo tempo partindo do pressuposto de que determinadas memórias são omitidas e outras tornadas hegemônicas. Para isso, quis problematizar a ideia de protagonismo único de brancos e alemães utilizando, entre outras coisas, a fotografia do curtume Ludwig, na qual a suposição de uma origem étnica única da cidade é posta em cheque. Trazer as memórias, as lembranças e até os possíveis delírios (de cercamento, por exemplo) sobre o bairro África para a sala de aula. Enfim, complexificar a história do povoamento e das relações entre grupos humanos na região.

Em terceiro lugar, tentei trazer a presença e a agência da comunidade negra de Novo Hamburgo para dentro da sala de aula, mas não no lugar de vítima, como grupo que apenas sofre ações de outros (Ibidem, p. 236). Apesar das desigualdades, do preconceito e das “feridas simbólicas”, tentei apresentar esses personagens e episódios como tão importantes para a história da região como a chegada das famílias alemãs. Daí uma hipótese sobre o porquê do tema racismo ter ficado tão evidente, pois se homens, mulheres e famílias negras estavam aqui desde antes dos imigrantes, como não sabemos disso?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção pedagógica planejada e posta em prática permitiu experimentar uma forma possível de alargar o enquadramento e a seletividade ainda presentes na construção das memórias sobre Novo Hamburgo. Foi uma forma incipiente, mas positiva de aproximação entre turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio com fontes históricas de diferentes períodos que evidenciam o protagonismo afro-brasileiro na história da região do Vale do Sinos. Como não foram esgotadas as possibilidades e potencialidades das fontes utilizadas e dos temas abordados, as aulas serviram para evidenciar de maneira mais ampla a história das relações étnico-raciais da cidade. Este trabalho tentou mostrar o caminho percorrido, as leituras e as histórias ouvidas para a construção de uma oficina que permite complexificar o quadro das relações sociais em uma região conhecida principalmente pelos vínculos com a Europa e pelas supostas diferenças em relação ao resto do Brasil. A pesquisa e a realização da intervenção pedagógica também permitiram uma aproximação com algumas concepções de estudantes da Educação Básica a respeito da história da cidade em que vivem.

A oficina teve como disparador memórias de velhos, arquivos vivos, e uma bibliografia que vem aumentando em quantidade e que problematiza a versão da história que idolatra e compreende unicamente a perspectiva imigrantista, branca e alemã como agente na construção de Novo Hamburgo e região. Assim, apresentei os principais materiais e textos que nortearam o ponto de vista e a abordagem adotada. Valorizei especialmente os trabalhos produzidos em Novo Hamburgo e preocupados em ouvir narrativas (etnobiografias) e fazê-las dialogar com a documentação. Foi importante o contato com referências sobre memória e a produção de invisibilidade (ROSA, 2014, Cap. 1) e esquecimento (POLLAK, 1989;1992) nos processos de construção e disputa dessa memória.

A metodologia utilizada reconhece a importância do contato prévio com o ambiente das escolas e turmas onde e com quem as intervenções foram realizadas. Além disso foi preocupação durante o planejamento a produção de momentos de discussão coletiva, valorizando as manifestações e contribuições dos alunos e alunas, estimulando práticas democráticas no

ambiente escolar. A escola, “para-choque da sociedade” (NEUKAMP, 2013, p. 140) é um espaço que deve permitir as diferentes questões e opiniões que existem e surgem, e que deve se preocupar na problematização de todas elas, independente do teor e do posicionamento implícito. A aula de história pode, portanto, ampliar e complexificar noções arraigadas ou silenciadas sobre o passado e as relações sociais imbricadas nele.

O material utilizado para construir a oficina permite abordagens diversas. Para esta pesquisa, optei por uma postura menos voltada à explicação, valorizando os momentos que, em pequenos grupos, as turmas exploravam as fontes, guiados mais por sua curiosidade e pelas perguntas do questionário. Devo destacar também que a maior parte do tempo era reservado para esse momento de manuseio das fontes e para a apresentação para a turma toda, onde cada grupo podia comentar o que havia chamado mais atenção, e como podiam traduzir o que viram e aprenderam para o resto dos colegas.

A partir da análise das reações e manifestações dos alunos e alunas durante a realização da oficina, foi possível perceber que a relação das turmas com a história local é fortemente baseada na versão hegemônica e unilateral que vê o imigrante europeu como único povoador e principal personagem da história da região que hoje corresponde à cidade de Novo Hamburgo. É provável que essa concepção também se estenda à compreensão sobre passado do Rio Grande do Sul, mesmo outras perspectivas e agências tenham surgido como objeto de análise e discussão. Portanto, se faz necessário um trabalho sistemático de complexificação da história da região das “colônias alemãs”, que considere a diversidade étnica e que trabalhe no sentido de educar para essas relações. Apesar da produção acadêmica sobre a temática estar aumentando, é imprescindível que a escola dialogue com esses trabalhos e discuta com seus alunos e alunas as memórias sobre o local onde vivem e sobre as disputas envolvendo a construção dessas imagens sobre o passado.

A presença africana e negra no Vale do Sinos, anterior à chegada dos imigrantes alemães, parece desvinculada da “verdadeira” história da colônia. Se houveram negros, *foram desaparecendo*; se houveram escravizados, não os conhecemos, *não apareciam na foto*. Um dos objetivos da intervenção pedagógica foi problematizar um debate de amplitude nacional, e com reflexos nas produções sobre as “origens” do Rio Grande do Sul: a europeização como sinônimo

de prosperidade, e a africanização como símbolo de desordem e abastardamento (ROSA, 2014, p. 50). Por muito tempo a segunda (a africanização da sociedade) foi objeto de preocupação e combate por parte das elites responsáveis por “formar a nação”, principalmente no século XIX. A produção desse esquecimento tem consequências até hoje. É necessário à escola estar alinhada com perspectivas historiográficas que se renovam e evidenciam novas agências e personagens históricos, levando em consideração o cuidado e a complexidade que merecem; com o amparo da Lei 10.639, promover a consciência política e histórica da diversidade (BRASIL, 2004, p. 9). As histórias da cidade de Novo Hamburgo mostram a pluralidade que percebemos em todo o território brasileiro.

O aspecto discriminatório e racista de práticas da sociedade hamburguense do século passado ficou evidente para as turmas, e talvez tenha sido o assunto mais marcante. O fato de haver separação entre lugares a serem ocupados por brancos e negros nos cinemas, as divisões e desigualdades na ocupação dos espaços e regiões da cidade, estudantes negras barradas e constrangidas ao tentarem entrar em uma festa para a qual tinham ingresso comprado: tudo isso evidencia a necessidade de se combater a ideologia da democracia racial, o mito das relações “cordiais” entre brancos e negros no Rio Grande do Sul e nas colônias alemãs, o mito de que aqui “todos se entendem muito bem”. Muitas manifestações escritas das turmas mostram que os/as estudantes perceberam o projeto social que determinados textos históricos subentendem, e estenderam essa temática para o mundo que os rodeia ao definir que *a discriminação racial é basicamente dizer que no país não há racismo sendo que ele tem*.

Cada um dos oito conjuntos de fontes levados às escolas renderia discussões e abordagens próprias e mais aprofundadas, diferente do que ocorreu para este trabalho, no qual a ideia foi produzir algo como um “mosaico” (como diria o professor Said Salomón) sobre o passado da cidade, especificamente no que tange a relações étnico-raciais. Não me detive tanto na contextualização de cada fonte, na crítica particular de cada uma, o que seria possível em outras aulas mais ligadas a se entender o trabalho do historiador(a), sua disciplina. A ideia foi apresentar um conjunto diverso, desde fotografias e pinturas até relatos de pessoas idosas, justamente para instigar que fragmentos dessas histórias estão nos mais variados lugares e em diferentes suportes.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Eliege Moura. *Uma presença invisível: escravos em terras alemãs (1850- 1870)*. São Leopoldo, Unisinos, 2004. Dissertação (mestrado).

ANJOS, José Carlos Gomes dos. A categoria raça nas Ciências Sociais e nas políticas públicas no Brasil. In: SANTOS, José Antônio dos; CAMISOLÃO, Rita de Cássia; LOPES, Véra Neusa... [et al.] (Org.). *Tramando falas e olhares, compartilhando saberes: contribuições para uma educação anti-racista no cotidiano escolar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ANSELMO, Eliane Regina Martins. *Das Práticas Políticas e Jurídicas na Formação de Professores para a Educação Étnico-Racial*. Porto Alegre, UFRGS, 2015. Tese (doutorado).

ARAÚJO, Carlos Henrique; ARAÚJO, Ubiratan Castro de. Desigualdade Racial e desempenho escolar. UNDIME, 18/09/2003. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/desigualdade-racial-e-desempenho-escolar>. Acesso em novembro de 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.

CANDAU, Vera Maria. Educação em Direitos Humanos: Uma proposta de trabalho. *Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf. Acesso em novembro de 2018.

CANDAU, Vera Maria. Oficinas Pedagógicas em Direitos Humanos: Espaço e Tempo de Formação. In: MONTEIRO, Aida; PIMENTA, Selma Garrido (Apresentação). *Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, n. 1, vol. 8, Jan/Jun, 2010, pp. 607-630.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Africanidades, afrodescendências e educação. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). *Africanidades Brasileiras e Educação* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013, pp. 68-79.

FACHINETTO, Rochele Fellini; SEFFNER, Fernando; DOS SANTOS, Renan Bulsing (Org.). *Educação em direitos humanos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017.

FALAIZE, Benoit. O ensino de temas controversos na escola francesa: os novos fundamentos da história escolar na França? In: *Revista Tempo e Argumento*, v. 6, n. 11. Florianópolis, jan/abr 2014, pp. 224-253.

FEIJÓ, Alceu. *A imagem além do tempo*. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2016.

GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet. Flertando com o Caos: os jogos no Ensino de História. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Org.). *Jogos e ensino de história*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; MASSONE, Marisa Raquel (Org.). *Múltiplas vozes na formação de professores de História: experiências Brasil-Argentina*. Porto Alegre: EST Edições, 2018.

HILL, Marc Lamont. *Batidas, rimas e vida escolar: pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JOHANN, Renata Finkler. *Na trama dos escravos de Sua Majestade: o batismo e as redes de compadrio dos cativos da Real Feitoria do Linho Cãnhamo (1788-1798)*. Porto Alegre, UFRGS, 2010. Trabalho de Conclusão (graduação em História).

MAGALHÃES, Magna Lima. *Entre a Preteza e a Brancura Brilha o Cruzeiro do Sul: Associativismo e Identidade Negra em Uma Localidade Teuto-Brasileira*. São Leopoldo, Unisinos, 2010. Tese (doutorado).

MENZ, Maximiliano Mac. Os escravos da Feitoria do Linho Cãnhamo: Trabalho, Conflito e Negociação. In: *Afro-Ásia*, n. 32, 2005, pp. 139-158.

MORAES, Carlos de Souza. *Feitoria do Linho Cãnhamo*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; MUGGE, Miquéias Henrique. O inadmissível roubo da carta de alforria do nagô Pedro Allgayer: a escravidão em uma zona de imigração alemã (RS, séc. XIX). *Ciências Sociais Unisinos*, 49 (1), 30-46, janeiro/abril 2013.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt...[et al.] (Org.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

NEUKAMP, Elenilton. *Nietzsche, o professor*. São Leopoldo: Oikos/Nova Harmonia, 2008.

NEUKAMP, Elenilton. *A caixa de perguntas: Desafio vivo em sala de aula*. Porto Alegre: Libretos, 2013.

NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: *Etnográfica*, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291.

PETRY, Leopoldo. *Novo Hamburgo: O florescente município do Vale do Rio dos Sinos*. São Leopoldo: Oficinas Gráficas Rotermond & Cia Ltda, 1963.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2 n. 3. Rio de Janeiro, 1989, pp. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, pp. 200-212.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre (1884 - 1918)*. Campinas, Unicamp, 2014. Tese (doutorado).

SEFFNER, Fernando. Aprender e Ensinar História: como jogar com isso? In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Org.). *Jogos e ensino de história*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SHUTZ, Liene M. Martins. *Os bairros de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: Liene M. Martins, 2001.

WEBER, Roswithia; KUNZ, Marinês Andrea. De quem é a festa? Diversidade étnica nas comemorações do 25 de julho em São Leopoldo (RS). In: *História Oral*, v. 16, n. 1, jan/jun 2013, pp. 85-102.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *Felisberta e sua gente: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

ANEXO

Ensino de História Local e Memórias Silenciadas: o bairro África em Novo Hamburgo (RS).

Roteiro para intervenção pedagógica

Otavio Klein Travi

Proposta:

A oficina será baseada na exploração de fontes envolvendo personagens afro-brasileiros no município de Novo Hamburgo e região.

Justificativas e Metodologia:

- necessidade de se discutir a diversidade e a complexidade dos atores sociais que ajudaram a povoar e a construir a região do Vale do Rio dos Sinos em que vivemos hoje;
- problematizar ideia de que, quando se trata de relações étnico-raciais no Brasil, e especificamente no Vale do Rio dos Sinos, “todos vivem bem” ou seja, questionar a ideia de que não existe/existiu discriminação racial e escravidão nas terras das colônias;
- o contato dos/das estudantes com fontes primárias e a discussão sobre conceito de fonte, onde estão, com quem, etc.

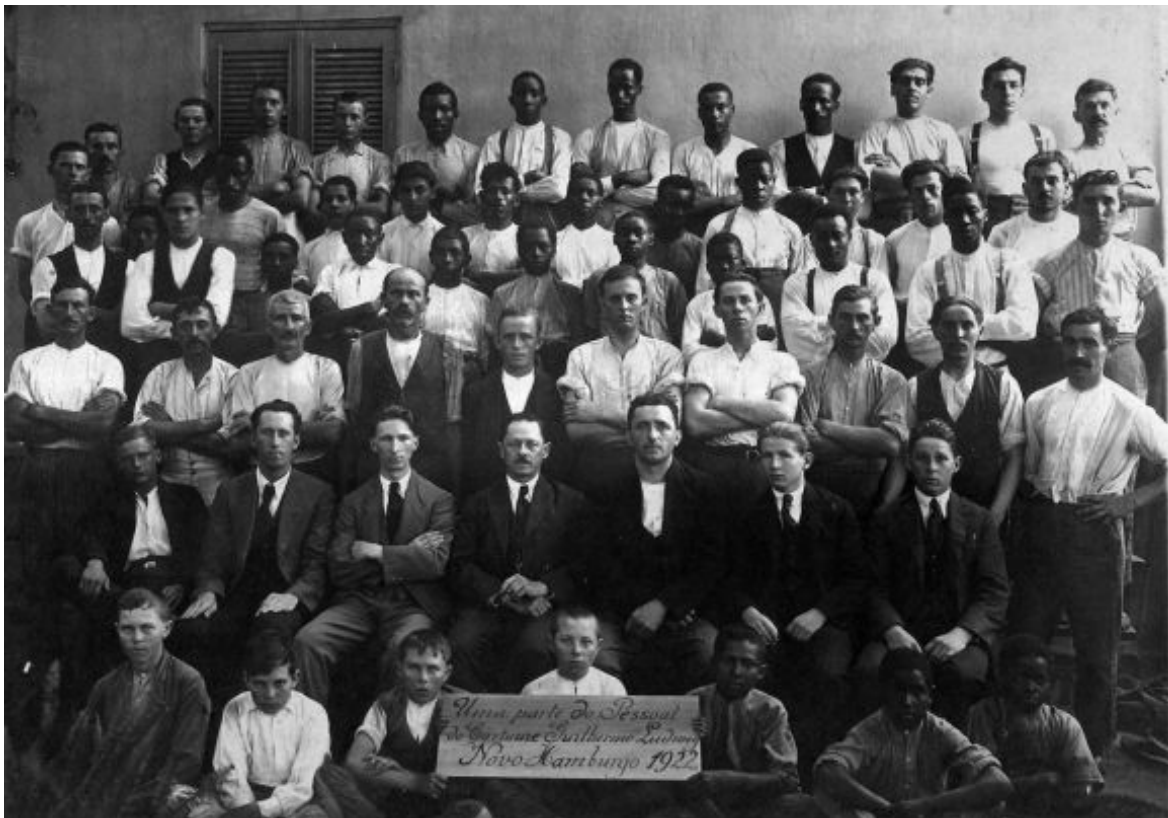
A turma será dividida em 8 grupos pequenos, cada grupo munido de uma fonte/um conjunto de materiais para analisar e responder algumas questões gerais e outras específicas elaboradas previamente para cada fonte. O professor circula entre os grupos com algumas provocações e responde dúvidas. Num segundo momento, cada grupo deverá apresentar suas fontes para a turma, suas impressões, o que chamou a atenção, e apresentar registro das questões prévias.

Perguntas gerais (para todos os grupos e fontes):

- 1) Que fonte(s) histórica(s) o grupo analisou?
- 2) Quando ela foi produzida? Em que ano?

Grupo 01: Trabalho.

Fontes: fotos de curtumes antigos de Novo Hamburgo e depoimentos.



Trabalhadores do Curtume Ludwig, Novo Hamburgo 1922.

Acervo pessoal de Ângelo Reinheimer, Fundação Ernesto Frederico Scheffel de Novo Hamburgo.

“É... Eu, na realidade, sou nativo de Novo Hamburgo, eu sou daqui da terra mesmo, nasci aqui, meus pais são... Minha mãe, de Lomba Grande, meu pai, de Morro dos Bois, da colônia lá do Morro dos Bois, se criou na colônia, (...) numa determinada época ele veio para Lomba Grande, e lá ele encontrou minha mãe, eles casaram, tiveram o primeiro filho em Lomba Grande. Depois de Lomba Grande veio buscar trabalho em Novo Hamburgo. Ela veio buscar trabalho de empregada doméstica e ele conseguiu trabalho... Já com filho, né! E ele conseguiu trabalho numa envernizaria de couro. Acho que foi ali que eu comecei a sentir a influência do couro, já antes mesmo de ter nascido.”

“E o falecido papai, ele trabalhou numa envernizaria de couro onde naquela época o couro era, era envernizado manual... Era um líquido, uma pasta tipo um piche, tipo esse... Essa massa asfáltica. E aquilo era passado com uma espátula em cima de um couro, né! Com uma lixa... Anteriormente ele era lixado, bem liso, né!, para depois eles aplicarem aquilo com uma massa quente, com uma espátula. Eu lembro que o papai suava muito uma época, porque era quente aquela massa, e ele, ali, trabalhava. Até que em uma determinada época ele se adoentou, não pôde mais trabalhar, se aposentou e... Mas eu acho que ali começou meu gosto pelo couro, né!, já antes mesmo de eu ter nascido.” (“Valmor”, 61 anos em 2013. In: NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: Etnográfica, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291.)



Recorte do Jornal NH dos anos 2000. Coluna "1900 & Antigamente".

Acervo pessoal de Therezinha Asta Graff.

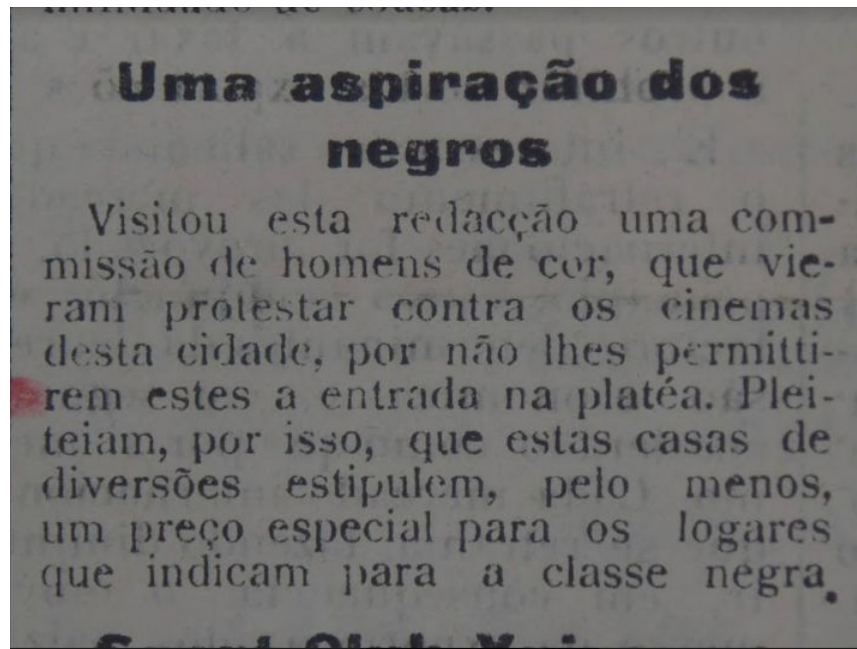
Perguntas específicas:

- 1) Quem aparece na foto? Descreva as pessoas: sexo, idade, raça/cor.
- 2) O que o depoimento de 2013 fala sobre o trabalho no curtume?

Objetivo: Provocar o grupo a pensar sobre quem eram os trabalhadores(as) de uma cidade cuja memória oficial foi construída a partir apenas da imigração germânica. Inicia-se com a turma uma discussão sobre a diversidade de origens da região. O hino da cidade pode ser apresentado como contraponto. As diferenças nas ocupações: curtume x fábrica de calçados.

Grupo 02: Aspirações

Fontes: Matéria “Uma aspiração dos negros” (Jornal O 5 de abril, 06 de março de 1936) e foto do centro da cidade nos anos 1930.



Recorte do Jornal O 5 de Abril, de 6 de março de 1936.
Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.



Foto de 1932, em edição do Jornal NH dos anos 2000. A coluna se chama “1900 & Antigamente”
Acervo pessoal de Therezinha Asta Graff.

Perguntas específicas:

- 1) Do que trata este recorte de jornal? O que aconteceu?
- 2) Como a reportagem se refere às pessoas negras? Que expressões/termos usa para isso?
- 3) Onde você acha que as pessoas “de cor” sentavam no cinema?
- 4) Como você acha que terminou essa história?

Objetivo: Estimular o grupo a perceber a agência de grupos marginalizados, sua força de mobilização frente à discriminação. Perguntar sobre razões para tal segregação. Também estimular a imaginação sobre o desfecho, que não foi registrado...

Grupo 03: "Nos entendemos muito bem", episódio 1

Fonte: A Discriminação Racial, de E. Nelson Ritzel. Jornal O 5 de abril, 20 de maio de 1960. Trechos selecionados transcritos.

A Discriminação Racial
E. Nelson Ritzel

Com profundos e inesperados reflexos na civilização contemporânea, o temário da discriminação racial vem sendo discutido com veemência em vários países, a ponto de se pretender limitar, entre os povos, os seus benefícios de uma racional aglutinação étnica.

Não sabemos onde querem chegar nações poderosas como os E.E.U.U. e a Inglaterra que viram, durante os transees mais difíceis da última guerra mundial, o "colored" como um autêntico fator da vitória, não só pela sua coragem e desassombro nas mais difíceis missões que recebia, como também como exemplo de honestidade e de integração na vida militar.

No Brasil, a discriminação racial nem poderia tomar sentido.

Entendemo-nos muito bem. Cada qual procura sua sociedade e, normalmente, não há problemas, embora o nível educacional e o analfabetismo ainda sejam as principais causas dos inevitáveis atritos entre brancos e "coloreds".

Nas escolas e nos esportes existe uma perfeita assimilação.

O homem vale pelo que sabe, para nós, brasileiros, tanto seja branco como preto.

Não interessa a cor de sua tez. Sua educação, seu procedimento e sua conduta social constituem o primário de sua integração na comunidade.

O moreno, tipo híbrido de predominância neste Brasil afora, é o principal representante étnico, em matéria de número.

Chamavam-no, em Novo Hamburgo, de "brasilianer" que residia na "Mistura", hoje Bairro Rio Branco. No bairro da África, hoje Guarani, como o nome primitivo já dizia, era onde habitavam famílias de pretos.

Embora tivesse havido tendência para a discriminação racial no interior brasileiro, como aconteceu nesta cidade e nas demais, hoje pouco se fala do assunto.

Com a libertação dos escravos, proclamada pela rainha Izabel, o problema da discriminação racial no Brasil, começou a desaparecer.

Todos se respeitam mutuamente, admitindo a co-existência como fator de paz e harmonia, elementos indispensáveis ao progresso das atividades produtivas.

Na próxima conferência das Nações Unidas e, em particular, na Organização dos Estados Americanos, vai o Brasil propor a indiscriminação racial, fazendo parte integrante das discussões sobre os Estatutos dos Direitos do Homem.

Que sejamos felizes nesse tão discutido temário que já está agitando demais a opinião pública mundial, com graves riscos aos mais elementares princípios de igualdade humana.

Edição de Hoje
8 páginas

Recorte do jornal O 5 de Abril de 20 de maio de 1960.
Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.

Perguntas específicas:

- 1) Do que trata este texto?
- 2) O que o autor fala sobre a discriminação racial no Brasil? Como ele se posiciona sobre o assunto?
- 3) Você já presenciou cenas de discriminação racial/racismo? Como foi?

Objetivo: Defrontar o grupo e a turma com o discurso da “democracia racial”. Estimular a interpretação e a percepção sobre a opinião de um autor de periódico.

Grupo 04: “Nos entendemos muito bem”, episódio 2

Fonte: Estudantes e atletas vítimas de discriminação racial em NH. Jornal Folha da Tarde, 24 de setembro de 1965. Trechos selecionados transcritos.

IMPEDIDAS DE ENTRAR EM UM CLUBE :
DUAS ESTUDANTES E ATLETAS DO FLORIANO VÍTIMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM NH

NÓVO HAMBURGO, 27 (Su-cursal) — Fato que exige registro e repúdio ocorreu sábado último, à noite, na portaria da Sociedade União Fraternal, desta cidade, quando duas jovens estudantes de cor, destacadas atletas do departamento amador do Esporte Clube Floriano, foram barreadas por elementos da diretoria da Sociedade, numa reprovável discriminação e desrespeito à lei Afonso Arinos de Mello Franco, agravadas as circunstâncias porque não se tratava de uma festa de responsabilidade da sociedade, e sim do grêmio estudantil a que pertencem as aludidas moças.

Eulália Terezinha Batista e Eli do Carmo Batista, estudantes do Curso “Artigo 99”, que funciona na comunidade São Luiz, desta cidade, foram as vítimas da acintosa atitude de diretores do Clube União Fraternal, insôlitamente impedidas de participar do baile que o Grêmio Estudantil do “Artigo 99”, naquela noite, realizada nos salões do referido clube. As duas estudantes, na boa fé, adquiriram suas entradas e ali compareceram, com seus colegas, mas sofreram verdadeiro constrangimento quando os demais entraram e elas foram retiradas de forma até deselegante, pelo próprio presidente do clube,

que mandou devolver às moças o preço das entradas, alegando que não poderiam de forma nenhuma entrar, e se insistissem chamaria a polícia.

DIRETORIA EXPLICA

Instado pelos membros do clube estudantil para permitir a entrada das duas jovens, o presidente do clube declarou que havia enviado ofício ao professor Luiz Nunes, do Curso do “Art. 99”, autorizando a realização do baile mas advertindo que seria proibida a entrada de estudantes de cor. Cenas desagradáveis tiveram curso na entrada da sociedade, tendo um estudante de cor, membro da diretoria do Grêmio Estudantil, ingressado no salão, alicerçando na sua condição de membro do corpo dirigente de seu grêmio. Não é esta a primeira vez que ocorrem fatos discriminatórios às portas dos clubes locais, e há tempos, em outro baile de estudantes, fato igual se repetiu numa outra sociedade de Nóvo Hamburgo.

A explicação dos diretores dos clubes é de que seus estatutos proibem a participação de pessoas de cor em suas festas, mas desta vez, como de outra, não se

ESTÂNCIA VELHA DÁ ASSISTÊNCIA AOS FLAGELADOS



Recorte do jornal Folha da Tarde, de 24 de setembro de 1965.

Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.

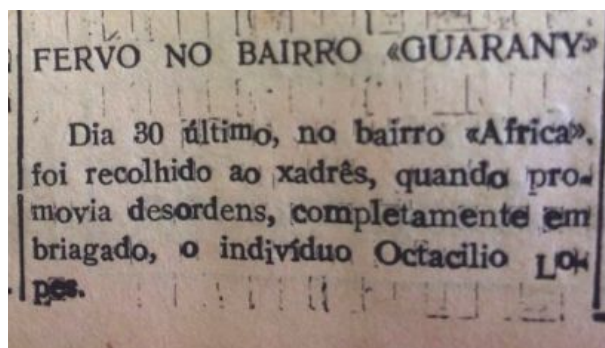
Perguntas específicas:

- 1) Do que trata a reportagem? O que aconteceu?
- 2) Como o autor se posiciona sobre o fato?
- 3) Você já presenciou cenas de discriminação racial/racismo?

Objetivo: Contrapor o discurso da fonte anterior, que afirma que “todos vivem bem, todos se respeitam, as pessoas são pelo que sabem”. A parcialidade e a intencionalidade por trás de uma coluna jornalística/opinativa. A existência do racismo na colônia alemã.

Grupo 05: O África

Fontes: Ocorrência policial, escritura, história “oficial”. Transcrições.



Recorte do jornal A Gazeta de Novo Hamburgo, 5 de maio de 1951.

Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.

“Quando eu era criança, o bairro África era, era época de guerra, né? Segunda Guerra Mundial. Então o meu pai trabalhava, trabalhava no curtume (...) e a gente tinha nos finais de semana uns clubes de futebol. E isso aqui era... Essa área aqui, o bairro era dividido. A rua Demétrio Ribeiro, isso até hoje quase é assim, não é tanto... Mas era dividido. Aquela parte de cima, quem sobe à esquerda, eram só os de origem alemã que moravam ali. E no lado de baixo, da direita, ali, é que moravam os brasileiros e os ‘pelos duros’, que a gente chama. E negro também morava ali. Era dividido assim, não sei o porquê assim, mas os alemães moravam todos do lado de lá e os negros do outro lado” (Sr. Alcides, 74 anos em 2013. In: NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: Etnográfica, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291.).

6.2 Aspectos Históricos

O Bairro Guarani é um dos bairros mais antigos de Novo Hamburgo. Inicialmente, foi ocupado por algumas famílias descendentes de escravos, por isso a região era conhecida por “África”.

O curioso era que as famílias, em geral, tinham o nome de seus antigos donos. Era comum o sobrenome alemão nos negros.

Esta população, tanto os homens quanto as mulheres, eram trabalhadores, disciplinados e tinham apego às famílias onde trabalhavam. Residiam em casas humildes e ranchos.

Mais tarde, ali se estabeleceram também imigrantes alemães e seus descendentes. Alguns dos primeiros moradores foram! Emílio Pedro Saenger, Alberto Dressbach, Antônio Friedrich e Benjamim Vampf. Além desses, havia também descendentes de portugueses, entre eles, Alcides Cunha, família Silva, muito conhecida por “os manduca”.

Com o desenvolvimento do setor calçadista de Novo Hamburgo, o bairro também recebeu grande número de migrantes vindos de municípios vizinhos.

A população do bairro sempre foi ordeira e pacífica. A área geográfica urbanizada gradualmente tornou-se um bom lugar para residir.

Aos poucos o bairro foi sendo dividido em lotes, destacando-se nesta tarefa o Eng. Teodoro Lauro José Martins e Roque Luiz Martins, seu filho que, em 1945, comprou a

Trecho do livro *Os Bairros de Novo Hamburgo*, de Liene Martins Shutz, 2001.

Biblioteca Pública Machado de Assis - Novo Hamburgo

EXTRACTO

Freguezia do immovel:

Nossa Senhora da Piedade

Denominação ou rua e numero:

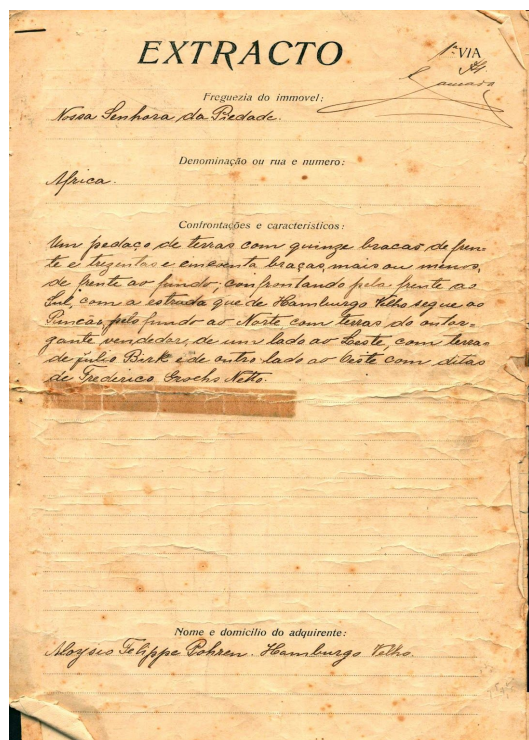
Africa

Confrontações e característicos:

Um pedaço de terras com quinze braças de frente e trezentas e cincoenta braças, mais ou menos, de frente ao fundo; confrontando pela frente ao Sul, com a estrada que de Hamburgo Velho segue ao Rincão, pelo fundo ao Norte, com terras do outorgante vendedor, de um lado ao Leste, com terras de Julio Birk e de outro lado ao Oeste com ditas de Frederico Groehs Netto.

Nome e domicilio do adquirente:

Aloysio Felipe Pohren. Hamburgo Velho.



Escritura de compra de terras de 1924.
Arquivo Municipal de Novo Hamburgo.

Perguntas específicas:

- 1) Onde ficava o bairro África? Quem o habitava?
- 2) Na opinião de vocês, por que existia um bairro chamado África em Novo Hamburgo?

Objetivo: Perceber distinções na ocupação dos espaços urbanos. Por que uma África em plena colônia alemã? Trazer o caso do bairro Mistura.

Grupo 06: Carlão

Fonte 06: Carlos Alberto de Oliveira (Carlão). Algumas obras: A espera do trem (2012), Calçada Oswaldo Cruz (2002), Embarque no ônibus (2011). Pequeno texto com resumo de biografia.



A espera do trem, de Carlos Alberto de Oliveira, 2012.

Disponível em <https://feevale.br/acontece/noticias/mostra-no-espaco-cultural-feevale-homenageia-carlao>



Calçada Oswaldo Cruz, de Carlos Alberto de Oliveira, 2002.

Disponível em <https://feevale.br/acontece/noticias/mostra-no-espaco-cultural-feevale-homenageia-carlao>



Embarque no ônibus, de Carlos Alberto de Oliveira, 2011.

Disponível em <https://feevale.br/acontece/noticias/mostra-no-espaco-cultural-feevale-homenageia-carlao>

Carlos Alberto de Oliveira, o Carlão como é mais conhecido, é um pintor gaúcho nascido em Novo Hamburgo em 1951. Filho de operário em curtume, desde menino gosta de desenhar. Foi na escola que Carlão deu os seus primeiros passos na criação de figuras. Em 1968 ganhou uma bolsa para estudar arte na Escola de Belas Artes e desde então nunca parou. Na Escola de Belas Artes surgiram as primeiras figuras com contornos pretos e pintura pingada no fundo, uma de suas marcas registradas. Em 1975 participou de seis exposições em Porto Alegre e do IV Salão do Jovem Artista do Rio Grande do Sul. Desde então, Carlos Alberto de Oliveira tem participado de dezenas de mostras individuais e coletivas em salões do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros. Carlão passou a desenvolver temas com preocupação social em sua cultura a partir de 1978. Em 1983 realizou no Museu de Arte do Rio Grande do Sul uma grande exposição sobre discriminação do negro: 25 trabalhos, entre pintura e desenho. Inicia-se na pintura com inconfundível linguagem pessoal, elaborando formas humanas unidas sobre a superfície da tela no limite da abstração. Ao lado de José Antônio da Silva, foi o único pintor brasileiro de fonte popular a ser incluído na exposição Art in Latin América 1820-1980, exibida em vários países da Europa na década de 90. Foi o primeiro de destaque da edição de 2003 da Bienal Naífs do Brasil, organizado pelo Sesc -Piracicaba, com as obras "Carnaval a cavalo" e "Centro da Cidade". O nome de Carlos Alberto de Oliveiro foi adotado pela Escola de Arte de Novo Hamburgo. Faleceu em 2013.



Fonte: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2012/05/carlos-alberto-de-oliveira.html>
<https://feevale.br/acontece/noticias/mostra-no-espaco-cultural-feevale-homenageia-carlao>

Perguntas específicas:

- 1) Quem foi Carlos Alberto de Oliveira?
- 2) Que tipo de cenário o artista retrata em suas obras? Como é a vida na cidade para ele?
- 3) Por vocês acham que o artista usa tantas cores diferentes nas obras?

Objetivo: Apresentar um artista negro do cotidiano, reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho, sua capacidade e criatividade em representar a realidade urbana.

Grupo 07: Cânhamo e Escravidão

Fontes: Feitoria do Linho Cânhamo. Fotos, registro de pessoas trazidas à Feitoria e texto curto.

Conjunto de fotos da histórica casa da Feitoria, onde se alojaram os primeiros colonos alemães, chegados em 1824 a São Leopoldo. Vêem-se, ainda, os fundos da edificação, ou seja a parte norte que ruiu. Observa-se pela foto, que, na frente do grupo de pessoas está o arquiteto Theo Wiederspahn, que dirigiu a reforma, em 1942, da velha casa que acolheu imigrantes até 1830.



142 / Carlos de Souza Moraes

A Real Feitoria do Linho Cânhamo foi um projeto posto em prática pelo Império Português, quando ainda tinha poderes sobre o Brasil. A Feitoria era uma grande fazenda onde se plantava o Cânhamo, planta que era utilizada para produzir principalmente cordas, que eram indispensáveis para a navegação - principal meio de transporte da época. Ela foi instalada em 1788 na região onde hoje fica a cidade de São Leopoldo, ao sul e ao norte do Rio dos Sinos. Por causa de dificuldades na produção e no controle sobre a Feitoria, foi desativada pelo Império do Brasil em 1824. (Texto escrito por Otavio Klein Travi)

Anexo 13 – "Relação dos indivíduos que marcharão em companhia do Inspetor da Real feitoria do linho canhamo Tenente Antonio Jozê Machado Moraes Sargento, para novo estabelecimento que se vay formar no faxinal do courita."

Feitor Soldado João Marthins	1
Feitor Soldado Marthias Marthins	1
Escravos de S. Mag	2
1. Prudencio de Asumpção	1
Anna de Santa Anna sua mulher	1
Maria filha	1
Laurina filha	1
2. Ignacio Pestana	1
Urçula de Lima sua mulher	1
Pedro filho	1
Joaquim filho	1
Aurea filha	1
3. Severino Cordeiro	1
Angelica Maria sua mulher	1
Pedro filho	1
4. Estanslau da Crus	1
Nataria da Trindade	1
Roza filha	1
Hipolita filha	1
5. João Rodrigues	1
Josefa Maria sua mulher	1
Anna filha	1
Angelica filha	1
6. João Honorato	1
Francisca da Conceição sua mulher	1
Manoel filho	1
Maria filha	1
	24
	Números
Cazaes	24
7. Bento Correa	1
Maria Pereira sua mulher	1
Maria Filh.	1
Lourenço filho	1

Feitoria do Linho Cãnhamo / 97

Documentação em anexo no livro Feitoria Linho Cãnhamo, de Carlos de Souza Moraes.
Foto de Otavio Klein Travi (2018)

8. Ignacio de Lima	1
Maria das Promessas sua mulher	1
Francisca filha	1
Jozê filho	1
9. Nicolau Teixeira	1
Gertrudes do Rozario sua mulher	1
10. Clemente Pereira	1
Anna Tavares sua mulher	1
Francisco filho	1
11. Apolinario Cardozo	1
Elenna da Crus sua mulher	1
Salvador filho	1
Leonor filha	1
12. Antonio Pereira	1
Maria Roza sua mulher	1
13. Gordiano Pereira	1
Joanna Baptista sua mulher	1
Marcos filho Maria filha	1
14. Bazilio de Andrade	1
Maria da Batalha sua mulher	1
Manoel filho	1
Sebastião filho	1
15. Florentino Cardozo	1
Rita Maria sua mulher	1
Francisco filho	1
Marta filha	1
	55
16. Jozê de Ancheta	1
Urçula das Virgens sua mulher	1
17. Felipe de Santiago	1
Sineana das Virgens sua mulher	1
Maria filha	1
Domingo filho	1
18. Thomazio Gomes	1
Paula Francisca sua mulher	1
Ignacia filha	1
Anna filha	1
Vem somando	65
Manoel de Jezus Frz. solteiro peão	1
<i>98 / Carlos de Souza Moraes</i>	66

Documentação em anexo no livro Feitoria Linho Cãnhamo, de Carlos de Souza Moraes.
Foto de Otavio Klein Travi (2018)

Escravos de confisco	
Lourenço Sadino	1
Caetano Sadino	1
Matheus novo	1
Debolo	1
Manoel Ganguela	1
Domingos Debolo	1
Domingos Muhumbe	1
Antonio Camondongo	1
Jozê Muhumbe	1
Manoel Ganguela	1
Hum Negro por baptizar	1
Hum Moleque por baptizar	1
	11
Escravas	
Luzia Sadina	1
Luzia nova Benguela	1
Josefa Ganguela	1
Anna Ganguela	1
Joanna Muhumbe	1
Maria Ganguela	1
Maria Ganguela	1
Maria Songo	1
Suzana Ambana	1
Domingas Camange	1
Anna Congo	1
Maria Congo	1
Maria Benguela	1
Joanna Benguela	1
Maria Ganguela	1
Maria Ganguela	1
Joanna Angola	1
Maria Benguela	1
Maria Benguela	1
Anna Benguela	1
Maria Benguela	1
Thereza Angola	1
Francisca Benguela	1
Maria Ganguela	1
Maria Benguela	1
Maria Ganguela	1
	38
Vila de São Pedro do Rio Grande 9. de Outubro de 1788.	
João Jozê Ribeiro da Costa	
<i>Feltoria do Linho Cãnhamo / 99</i>	

Documentação em anexo no livro *Feitoria Linho Cãnhamo*, de Carlos de Souza Moraes.
Foto de Otavio Klein Travi (2018)

Perguntas específicas:

- 1) O que era a Feitoria do Linho Cânhamo? Onde ficava?
- 2) Como funcionava? Quem trabalhava na feitoria?

Objetivo: Trazer o tempo anterior à colonização alemã. A região do Vale dos Sinos já era ocupada. Provocar o grupo a perceber que importante parte do trabalho na Feitoria vinha de mãos escravizadas. A presença africana e seus nomes.

Grupo 08: Velhos e Velhas

Fontes: Os velhos e as velhas. Histórias faladas. Tempos antigos e tempos atuais. Trechos de depoimentos orais, reportagem sobre griôs, fotografias, clube Cruzeiro do Sul.

NH na escola

As griôs da Vila Iguaçu

Memórias e histórias na voz da comunidade negra

PÂMELA STOCKER

Dona Paula Maria Rodrigues, 80 anos, mora há mais de 50 na Vila Iguaçu, bairro Canudos. Conta que quando chegou com seus pais e irmãos não havia nenhuma casa por perto. O pai de tia Paula, como é conhecida pelos moradores, foi quem abriu, sozinho com sua carroça e suas ferramentas, as primeiras ruas do lugar. Ele foi o primeiro morador da Vila Iguaçu.

Marcofa Barboza dos Santos, 104 anos, é vizinha da escola e mora na vila há mais de 20 anos. Vó Marcofa, como é mais conhecida, é benzeadeira e sabe tudo sobre chás e ervas medicinais. Relembra as ruas cheias de barro e os anos sem água e sem luz, quando o feijão e o arroz ainda eram vendidos a granel no mercado.

Estas e outras histórias curiosas entraram na sala de aula da professora Maria Ester Martins do Nascimento, da escola municipal Vereador Arnaldo Reinhardt, na voz das próprias moradoras da vila. Através do projeto *A Hora do Griô*, tia Paula e Vó Marcofa compartilham com os estudantes do 4º ano todos os saberes e memórias do lugar onde vivem.

* A professora Ester explica que a palavra *griô* nos remete a cultura africana e é usada para designar os contadores de histórias. A ação *griô* consiste na valorização da história oral e no estímulo desta tradição nas comunidades. Originalmente, os contadores de histórias surgiram nos grupos étnicos Bambaras e Fulas, na região sul do Saara, no noroeste

da África. «Na tradição oral destes grupos a palavra tem um poder e um significado divino, além do compromisso com a verdade e com os ancestrais», explica ela.

Assim, Vó Marcofa e tia Paula se tornaram *griôs* da escola. Por meio da tradição oral e da narração de suas memórias, as moradoras compartilham experiências e os alunos expressam respeito pela história contada pelos mais velhos.

O objetivo da professora Ester é resgatar a história da vila com o protagonismo dos afro-descendentes e contribuir para a valorização dos idosos. Segundo ela, passar estes conhecimentos para as novas gerações é uma forma de preservar a memória e cultura dos antepassados. «Ainda damos muito valor a história oficial, que está nos livros, e deixamos de lado a história viva destas pessoas que têm muito a nos contar sobre nossas raízes e nossas origens», afirma Ester.



ARNALDO REINHARDT: turma do 4º ano com as contadoras de histórias da Vila Iguaçu



HORA DO GRIÔ: professora Ester, tia Paula, Ângela e Marcofa

Reconhecimento público

Nas histórias em que contava aos alunos, a *griô* tia Paula expressava certo descontentamento pelo fato de seu pai, primeiro morador da Vila Iguaçu, nunca ter sido valorizado como tal pelos moradores do lugar.

Em novembro do ano passado, a professora Maria Ester ocupou a tribuna Popular na Câmara dos Vereadores do município. Em nome do 3º ano que participava na ocasião do projeto *A Hora do Griô*, encaminhou a sugestão de nomear uma das ruas da vila como *Paulino José Rodrigues*, nome do pai de Paula. «Foi uma forma de reconhecer este cidadão negro, morador desta comunidade com uma homenagem póstuma no mês em que comemoramos a Consciência Negra», explica a professora. Tia Paula, seus familiares e um grupo de crianças da escola acompanharam Ester ao plenário. Em abril deste ano o projeto de lei nº 85/2008 denominou oficialmente como *Paulino José Rodrigues* uma via pública da Vila Iguaçu.

Parte de reportagem especial do Jornal NH de 2008.

Biblioteca Pública Machado de Assis. Novo Hamburgo.



*Conversa na praça**

*Vó Nair, conhecida por suas benzeduras, observa um desfile da Semana da Pátria, nos anos 1950.

Página do livro *A imagem além do tempo*, do fotógrafo hamburguense Alceu Feijó.



Jaci Mendonça, Rainha da Sociedade Cruzeiro do Sul de Novo Hamburgo (RS)

Página do livro *Imagem Além do Tempo*, do fotógrafo hamburguense Alceu Feijó.

“Nas fábricas de calçado tinha aquela dificuldade para a pessoa se empregar. Eles olhavam... Às vezes estavam com cem vagas ali, olhavam p’ra tua cara e diziam: não tem vaga. O preconceito era grande. [...] Os negros trabalhavam mais em curtume ou eram servente[s] de pedreiro.” (“sr. Lair”, depoimento em 2013. In: NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: *Etnográfica*, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291.)

“Novo Hamburgo, por exemplo, tinha ruas que você caminhava, travessas e ruas dos dois lados, esquerda e direita, monumentais prédios, pavilhões, fábricas, casas velhas modificadas, remodeladas para fazer fabriqueta, todos os porões eram fabriquetas. Na hora das 7 horas, tinha que ver o movimento da hora do pico, o meio-dia, um movimento descomunal, à noite também, fábrica apitando, olha, era um hino de fábrica apitando. Trabalhando até 10

horas da noite, virando noite, sábado era o dia inteiro, quando não ia trabalhar um pouco domingo, até meio-dia, para dar conta dos pedidos que o patrão tivesse, para embarcar a produção para Porto Alegre ou Rio Grande, tomar o rumo para a Europa. Hoje o que estou falando não existe mais mesmo” (Sr. Francisco. In: NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um

hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. In: Etnográfica, vol. 17 (2), 2013, pp. 269-291)

Perguntas específicas:

- 1) Que histórias os velhos contam nessas fontes? Que coisas sobre o passado eles nos ajudam a saber?
- 2) Qual o papel dos velhos(as), das griôs, para a sociedade? Eles e elas ainda são ouvidos hoje em dia? Por que?

Bibliografia:

ALVES, Eliege Moura. Uma presença invisível: escravos em terras alemãs (1850- 1870). São Leopoldo, Unisinos, 2004. Dissertação (mestrado).

FEIJÓ, Alceu. A imagem além do tempo. Novo Hamburgo, Um Cultural. 2016.

MAGALHÃES, Magna Lima. Entre a Preteza e a Brancura Brilha o Cruzeiro do Sul: Associativismo e Identidade Negra em Uma Localidade Teuto-Brasileira. São Leopoldo, Unisinos, Programa de Pós-Graduação em História, tese. 2010.

MORAES , Carlos de Souza. Feitoria do Linho Cânhamo. Porto Alegre, Parlenda. 1994.

NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; MAGALHÃES, Magna Lima; KUHN JÚNIOR, Norberto. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. Etnográfica [online], vol. 17 (2), 2013.

PETRY, Leopoldo. Novo Hamburgo: O florescente município do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Oficinas Gráficas Rotermund & Cia Ltda. 1963.

SHUTZ, Liene M. Martins. Os bairros de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo, Liene M. Martins. 2001.